



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras.

Pamera Ferreira Santos

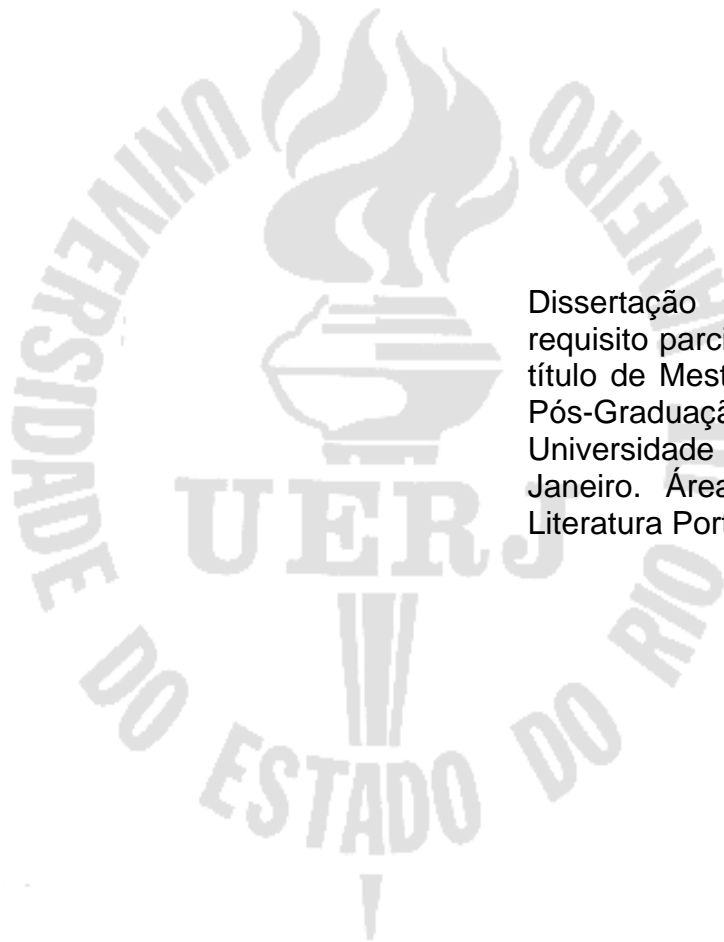
**As possibilidades do ser entre o poder e a morte: uma caminhada
pelos limites existenciais**

Rio de Janeiro

2011

Pâmera Ferreira Santos

As possibilidades do ser entre o poder e a morte: uma caminhada pelos limites existenciais



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Mário Bruno

Co-orientadora: Prof^a. Dra. Deise Quintiliano

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

S237	<p>Santos, Pâmera Ferreira dos As possibilidades do ser entre o poder e a morte: uma caminhada pelos limites existenciais/ Pâmera Ferreira dos Santos. - 2011. 95f.</p> <p>Orientador: Mário Bruno. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.</p> <p>1. Saramago, José, 1922-2010 – Crítica e interpretação - Teses. 2. Saramago, José, 1922-2010. Todos os nomes - Teses. 3. Saramago, José, 1922-2010. As intermitências da morte - Teses. 4. Morte na literatura- Teses. 5. Controle (Psicologia) – Teses. 6. Angústia – Teses. I. Bruno, Mário. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 869.0-95</p>
------	---

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte

Assinatura

Data

Pâmera Ferreira Santos

**As possibilidades do ser entre o poder e a morte:
uma caminhada pelos limites existenciais**

Dissertação apresentada, como requisito para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Portuguesa.

Aprovada em 27 de março de 2011.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Mário Bruno (Orientador)
Instituto de Letras da UERJ

Prof. Dr. Marcus Motta
Instituto de Letras da UERJ

Prof. Dr. Aterives Maciel Júnior
PUC-Rio

Rio de Janeiro

2011

DEDICATÓRIA

À Edna Ferreira Santos e Valdinez Salustiano Santos (*in memoriam*), por terem, não apenas, me dado a vida, mas por me ensinarem a caminhar e a valorizar a caminhada, às vezes alegre, às vezes triste, mas sempre necessária.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao Professor Mário Bruno, à professora Deise Quintiliano e à Isabelle por terem acreditado desde o início nesse trabalho e me incentivado a seguir em frente, confiando no meu potencial como aluna e como pesquisadora.

Agradeço as minhas amigas Samira Reis, Thamara Castro e Luiza Carneiro por todo apoio e ajuda na parte de revisão e tradução além de toda atenção e carinho.

À estas palavras repletas de significados e amor, que me ensinaram durante toda essa travessia o valor prático do múltiplo, para mim nunca serão apenas substantivos, serão mais, muito mais do que a linguagem possa expressar: Cris, Felipe, Luiza, Marcela, Marcos Gabriel, Marcos Vinicius, Michele, Millene, Paula, Pryscylla, Raiane, Rosane, Samira e Thamara. Amigos, muito obrigada.

Os últimos e principais agradecimentos vão para minha família que mesmo distante sempre esteve presente em atenção e incentivo. De maneira muito especial, à Edna, mulher corajosa e encorajadora e a-Deus.

Torna-te aquilo que és.

Friedrich Nietzsche

RESUMO

SANTOS, Pâmera Ferreira. As possibilidades do ser entre o poder e a morte: uma caminhada pelos limites existenciais. 2011. 95f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Através dessa dissertação propõe-se uma análise sobre os temas morte e poder em dois romances, do autor português José Saramago, *Todos os Nomes* (1997) e *As Intermittências da Morte* (2004). Escritos e publicados em épocas distintas, distinguem-se do conjunto da obra desse autor pela relação que estabelecem entre si e os temas supracitados. Esses dois romances foram tomados como objeto de estudo desta pesquisa, que foi executada através da utilização da metodologia da literatura comparada. Como base teórica, foram usados os seguintes conceitos do filósofo Martin Heidegger: *ser-para-morte* e angústia, que norteiam o pensamento sobre as possibilidades de uma autenticidade do *ser* frente ao cotidiano, marcado por repetições e controles. É através do acaso e das escolhas feitas pelos dois protagonistas dessas obras que se construiu uma reflexão sobre a dicotomia vivos e mortos. A partir dessa análise, buscou-se realizar a leitura em espelho desses romances, nos quais a maior semelhança é entender a vida como uma busca e a morte como inerente ao ser, tornando-o uma singularidade.

Palavras-chaves: Morte. Poder. Angústia. Singularidade.

ABSTRACT

This dissertation proposes an analysis about the themes death and power contained in two novels from the Portuguese author, José Saramago, *Todos os Nomes* (1997) and *As Intermittências da Morte* (2004). Written and published in distinct times, they are different from the body of work of this author due to the relation established between themselves and the aforesaid themes. These two novels were taken as the study object of this research, which has been executed through the utilization of compared literature methodology. The following concepts of the philosopher Martin Heidegger were used as theoretical basis: *Sein zum Tode* and anguish that guide the thought about possibilities of an authenticity of being opposite to the daily, mainly characterized by repetitions and controls. Through fortune and the choices made by the two main characters of these books it was possible to build a reflection about the “alive and dead” dichotomy. From this analysis, it looked to realize the reading as a mirror from these novels, in which the biggest similarity is to understand life as a seek and death as inherent to the being, turning it into a singularity.

Keywords: Death. Power. Anguish. Singularity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	14
1.1 O tema da analítica da Pre-sença (Dasein).....	14
1.2 O possível ser-todo da pre-sença e o ser-para-a-morte.....	16
1.3 Algumas considerações.....	22
2 SR. JOSÉ – NAS PORTAS (DE ENTRADA E SAÍDA) DO SER.....	23
2.1 Liberdade – o uso do proibido.....	26
2.2 A intimidade do outro – uma porta trancada (a Sr ^a . do rés-do-chão).....	34
2.3 Nas portas da escola – um solitário disposto a aprender	39
2.4 A caminho do cemitério – quando o acaso não está a favor.....	44
2.5 Vida e morte, pertença.....	45
2.6 Cemitério: último lugar de busca(?).....	48
3 A VIDA EM DOIS TEMPOS.....	50
3.1 Não-morte / não-lucro.....	54
3.2 O novo – reforço de velhos paradigmas.....	55
3.3 Poder paralelo.....	59
3.4 Dialética da morte.....	62
3.5 Anúncio da morte.....	65
3.6 Cínica normalidade.....	68
3.7 A espada de Dâmocles.....	70
3.8 Salas (d)e encontros.....	73
3.9 A fala da Gadanha.....	76
3.10 Abrir portas – vida que se vê (des)trancada.....	79

4	SR. JOSÉ E A MORTE – UMA RELAÇÃO EM ESPELHO.....	82
4.1	Final de busca (?) – na casa da desconhecida.....	82
4.2	Em espelho – última cena.....	84
4.3	O músico e a eternidade – casa do violoncelista.....	88
4.4	Sr. José e a morte – um casal de Saramago.....	90
5	CONCLUSÃO.....	93
	REFERÊNCIAS	95

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A angústia é a disposição fundamental que nos coloca ante o nada.

Martin Heidegger

Neste capítulo inaugural se deseja examinar algumas discussões teóricas necessárias para se estabelecer um foco mais claro do desenvolvimento das questões levantadas nesse trabalho. Para tanto, as contribuições sobre um pensar o *Dasein*¹, o *ser-para-morte* e a *angústia*, que o filósofo Martin Heidegger elabora em *Ser e Tempo* são de fundamental importância. Os personagens de Saramago que serão trabalhados aqui, a todo instante lidam com o sentido existencial da morte e passam a problematizá-la como um dado mais originário do que toda certeza reflexiva da consciência: a certeza de si próprio é a existência em seu último despojamento.

Neste capítulo serão expostos dois temas da obra *Ser e o Tempo*, sendo o primeiro a analítica da *pre-sença* e em seguida o possível *ser-todo* da *pre-sença* e o *ser-para-morte*.

1.1. O tema da analítica da Pre-sença (Dasein)

Na primeira seção de *Ser e Tempo*, no parágrafo IX sobre a analítica da *pre-sença*, o primeiro ponto desenvolvido por Heidegger (HEIDEGGER, 2007, p.85) é a concepção de que o *ente* a ser analisado somos nós mesmos, sendo o ser deste ente sempre e cada vez *meu*. A *pre-sença* entrega-se a responsabilidade de assumir seu próprio ser, o autor afirma que Ser é o que neste ente está sempre em jogo. E é a partir dessa caracterização da *pre-sença* que ele encontra dois resultados.

¹ A tradução de *Ser e Tempo*, de Heidegger, por Márcia de Sá Cavalcante (Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2ªed., 2007), define “Dasein” como “presença” (que “não é sinônimo de existência nem de homem”, mas “evoca processo de constituição ontológica de homem, ser humano e humanidade”). Para manter uma tradução mais adequada utilizaremos aqui a palavra “*pre-sença*” que foi usada pela mesma tradutora na 4ª edição, 1993.

O primeiro é que a equidade desse ente está em ter de ser, não podendo ser designado como *ser simplesmente dado*, pois a essência do ente é dotada do caráter de *pre-sença*. A “essência” da *pre-sença* está em sua existência, dessa maneira as

características que se podem extrair desse ente não são propriedades simplesmente dadas com esta ou aquela “configuração”. Heidegger (HEIDEGGER, 2007, p.85) afirma que as características constitutivas da *pre-sença* são sempre modos possíveis de ser e somente isso.

O segundo resultado é que o ser, que está em jogo no ser deste ente, é sempre meu, contrariamente aos entes simplesmente dados, pois o ser desses é (in)diferente ou, ainda, eles são de tal maneira que o seu ser não se lhes pode tornar nem (in)diferente nem não (in)diferente. Dizendo-se a *pre-sença*, deve-se pronunciar também o pronome pessoal, devido a seu caráter de ser sempre minha.

O autor de *Ser e tempo* salienta que a *pre-sença* se caracteriza por ser minha, segundo este ou aquele modo de ser. De alguma maneira sempre já se decidiu de que modo a *pre-sença* é sempre minha. A *pre-sença* é sempre sua possibilidade, e porque ela é sempre essencialmente isso, pode, em seu ser, isto é, sendo, ganhar-se ou perder-se ou ainda nunca ganhar-se ou só ganhar-se “aparentemente”. A *pre-sença* só pode perder-se porque segundo o seu modo de ser, ela é uma possibilidade própria, ou seja, é chamada a apropriar-se de si mesma. A (im)propriedade da *pre-sença*, porém, não diz ser menos nem tão pouco um grau “inferior” de ser. Ao contrário, a (im)propriedade pode determinar toda a concreção da *pre-sença* em suas ocupações, estímulos, interesses e prazeres.

É por esses dois resultados que Heidegger (HEIDEGGER, 2007, p.86) concebe que a *pre-sença* não tem, nem nunca pode ter o modo de ser dos entes simplesmente dados dentro do mundo. Ela se determina como ente sempre a partir de uma possibilidade, isso significa que ela se compreende em seu ser. É este o sentido formal da constituição existencial da *pre-sença*.

A *pre-sença* não deve ser analisada a partir de uma interpretação pela diferença de um modo determinado de existir, ao contrário, ela deve ser vista pelo modo

(in)determinado em que ela se dá. É a partir desse modo de ser que todo e qualquer existir é assim como é.

1.2. O possível ser-todo da pre-sença e o ser-para-a-morte;

Heidegger (HEIDEGGER, 2007, p.309) no primeiro capítulo da segunda seção de *Ser e o Tempo* problematiza em oito parágrafos a questão do “fim” e da “totalidade” da *pre-sença*. O primeiro ponto que o autor estabelece é uma contradição entre a possibilidade da *pre-sença ser-toda* e a cura, essa numa perspectiva ontológica, que pressupõe uma *pre-sença* que se antecede a si mesma e, dessa maneira, gradualmente, passa a existir apenas em função de si. Enquanto existe, a *pre-sença* está diretamente ligada ao seu *poder-ser*. Logo, existe na cura a ideia de que na *pre-sença* haverá sempre alguma coisa pendente. Pois, se a mesma passa a *ser-toda*, ou seja, sem pendências, automaticamente, torna-se o seu contrário “*não-mais-ser-pre-sença*” (HEIDEGGER, 2007, p.312). A *pre-sença* enquanto ente nunca alcança a sua totalidade. Tal raciocínio é construído para se perceber, num primeiro momento, a impossibilidade de se apreender a *pre-sença* em seu *ser-toda* e a partir disso, ainda questionar essa impossibilidade.

Ao questionar a possibilidade de uma apreensão da totalidade da *pre-sença*, o primeiro ponto que é explorado é se isso não seria alcançável na morte do outro. O autor pensa essa questão entendendo a morte não como totalidade, mas como uma passagem, pois o outro passa da qualidade de ente a um ser simplesmente dado. Obviamente que não se está falando da passagem de apenas uma coisa corpórea, material, pois mesmo morto esse ser ainda será algo mais do que simplesmente dado, o próprio Heidegger (HEIDEGGER, 2007, p.312) utiliza o exemplo do cadáver que pode ser usado pela anatomia para realizar estudos em favor da vida, além das próprias solenidades de despedida de um falecido tornando esse outro maior do que um ser simplesmente dado, pois esse morto pode não estar mais num sentido palpável, mas continua sendo e estando com os que ficam, no sentido de não ter se apagado a sua

existência no mundo. Essa experiência de *ser-com* o morto proporciona não a apreensão da morte desse outro, mas o estar “junto”, o que se sofre na morte de alguém é a perda para os que ficam e não a experimentada por quem morre. Dessa maneira, a tentativa de entender na morte de alguém a totalidade da *pre-sença* falha porque o que se quer alcançar é a finitude em seu sentido ontológico e não o de “ainda-ser-*pre-sença*” daquele que morre na vida dos que ficam. Outro ponto importante, ainda nessa questão, é a impossibilidade de substituir uma *pre-sença* por outra. É possível que alguém queira morrer no lugar de alguém, mas jamais experimentará a morte desse ser, pois morte cada um tem a sua e nesse sentido cada *pre-sença* é uma *singularidade* insubstituível, portanto a questão do *ser-todo* da *pre-sença* deverá ser visto a partir de um fenômeno existencial e não apenas como um dado, como se todo “fim” fosse o mesmo.

De acordo com Heidegger (HEIDEGGER, 2007, p.320), o existencial da *pre-sença* expressa-se como o *ainda-não* da mesma, pois para essa há uma *não-totalidade* permanente. A *pre-sença* pode chegar ao seu “fim”, morte, sem que tenha usado todos os seus possíveis *ainda-não*. Pois atingir a morte não quer dizer, necessariamente, completar-se. O fim apenas determina um *acabar* que não precisa ter a ver com o extinguir completamente. Com a morte a *pre-sença* pode tornar-se ou não um ser simplesmente dado que está inacabado; pois, esta ao ser é sempre o seu *ainda-não* e o seu fim. O autor afirma que o findar que está na morte não quer dizer ser e *estar-no-fim* da *pre-sença*, mas o seu *ser-para-o-fim*, a morte é um tipo de ser que aquela assume no instante em que é.

Heidegger (HEIDEGGER, 2007, p.322), ao fazer uma análise da *pre-sença* com uma perspectiva existencial, entende a morte como um fenômeno da vida, mas não a partir das formas como aquela é interpretada pela biologia, psicologia ou teologia. A morte precede qualquer questão levantada pelas ciências do sufixo *-logia*, pois, como o próprio autor afirma, ela é “uma possibilidade privilegiada da *pre-sença*” (HEIDEGGER, 2007, p.323) e, como tal, também possui em sua essência a riqueza de ser uma singularidade e nesse sentido não poderá ser apreendida em sua estrutura ontológica através das formas citadas. Porém, também não é possível examinar a morte a partir de uma ideia de acaso ou arbitrariedade, pois, ontologicamente e de maneira prévia, o seu

modo de ser estará evidenciado na cotidianidade mediana da *pre-sença*. É a partir desse lugar que a análise existencial da morte ganha corpo, pois numa investigação ontológica do tema é essencial avaliar as possibilidades do *ser-para-morte*.

Ser e Tempo nos mostra que só é possível se aproximar de um pensamento sobre *ser-todo* da *pre-sença* se a morte for interpretada como um *ser-para-o-fim*, pois isso constitui a *pre-sença*. A morte não pode ser vista como um *ainda-não*, antes é um impendente. Não que isso a caracterize inteiramente, pois também, seria possível, na qualidade de iminente, vê-la como algo que vem ao encontro, afinal para a *pre-sença* muitas coisas podem ser impendentes. Mas, a morte é uma possibilidade ontológica que a *pre-sença* sempre assume, a própria *pre-sença* é um impendente em seu *poder-ser*, dessa maneira a morte pertencente à *pre-sença* exprime-lhe a possibilidade de não mais ser *pre-sença*, esta depende de seu ser mais próprio para ser plena. Essa possibilidade mais própria e inevitável é a mais extrema, pois mesmo assumindo o seu *poder-ser* não pode evitar a possibilidade da morte. “A morte é a possibilidade da impossibilidade pura e simples de *pre-sença*” (HEIDEGGER, 2007, p. 326), pois revela-se como a possibilidade mais própria e infalível da mesma. Esse modo de existir imprime a *pre-sença*, em sua essência, estar aberta para si mesma em sua possibilidade de anteceder-a-si-mesma, nesse existir na cura é que originariamente o *ser-para-morte* é habitado pela *pre-sença*, ou seja, o “*ser-para-o-fim* torna-se, fenomenalmente, mais claro como *ser-para* essa possibilidade privilegiada da *pre-sença*” (HEIDEGGER, 2007, p. 326). Porém, essa forma de ser da *pre-sença* não se dá eventualmente, pois sendo, ela já está lançada nessa possibilidade. É na inclinação da angústia que o *ser-para-morte* se revela para *pre-sença* de forma mais pungente. A angústia com a morte é também angústia com o *poder-ser* mais insuperável, nessa possibilidade a *pre-sença* se angustia com o próprio ser-no-mundo. Porém, Heidegger (HEIDEGGER, 2007, p. 327) afirma que a angústia não pode ser confundida com o medo de deixar de viver, pois é, na verdade, a abertura na qual a *pre-sença* existe para o seu fim. Dessa forma, surge o conceito existencial da morte, esta existe como ser-lançado para o *poder-ser* mais singular e não um desaparecer ou um findar qualquer.

Há uma postura em que, a princípio, a *pre-sença* oculta de si mesma o *ser-para-morte* mais próprio, mas só sendo é que a *pre-sença* morre de fato, pois a morte

enquanto possibilidade ontológica origina-se na cura. Como pertencente em essência ao ser da *pre-sença*, o *ser-para-morte* também deve ser observado na cotidianidade, essa tem como próprio o impessoal que publicamente se institui na falação. O senso comum sempre interpreta a morte como algo que vem ao encontro através do morrer do outro, afinal todo dia e a toda hora alguém morre e dessa forma, ela se torna uma não-surpresa como tudo no cotidiano além de ganhar um espaço apenas de acontecimento na *pre-sença* e não o seu lugar próprio de pertença à *pre-sença* como algo insubstituível. A falação propaga a morte como um acontecimento real e definitivo, arrancando dela o seu sentido de possibilidade de ser irremissível e insuperável na *pre-sença*. O impessoal imprime a *pre-sença* a tentação de encobrir para si o *ser-para-morte* mais próprio, perdendo-se do seu *poder-ser* mais privilegiado. Tal atitude diante da morte revela a impossibilidade do impessoal admitir a angústia com a morte, pois o só pensar na morte já é considerado uma covardia. Esse comportamento frente à morte caracteriza o modo de ser da decadência, pois o *ser-para-morte* cotidiano vive em uma constante fuga de si mesmo. Para cotidianidade mediana o que está em questão é o *poder-ser* mais próprio da *pre-sença* sem, porém, ter de encarar a possibilidade mais extrema de seu ser.

Segundo Heidegger (HEIDEGGER, 2007, p.329) a cotidianidade, que encobre da *pre-sença* o *ser-para-morte* mais próprio, contraditoriamente, traz uma certeza da morte, mas não a convicção que a morte produz na *pre-sença* enquanto possibilidade privilegiada, apenas se até no não questionamento da existência da morte, pois a toma como dada. Esse posicionamento frente à morte serve apenas para diminuir sua força e reduzir o estar-lançado na morte, ocultando ainda mais o morrer. Dessa maneira a *pre-sença* cotidiana está cada vez mais afastada da sua possibilidade mais própria e irremissível, pois com essa certeza apenas habita uma não-verdade, ou seja, o *ser-para-morte*, nessas condições, só pode ser visto como um ter-por-verdadeiro inadequado, o que não é uma incerteza ou dúvida. Essa certeza inadequada continua ocultando aquilo de que está certa. O entendimento, impessoal, de que a morte é algo que vem ao encontro no mundo é gerado no cotidiano pela experiência da morte do outro, tornando-a inegável. Porém, esse impessoal ignora que para a *pre-sença* ter certeza da morte precisa ter certeza de seu *poder-ser* mais próprio. Nesse *poder-ser*

mais próprio a morte permanece distante de uma certeza, pois essa assume o seu caráter impendente e é cada vez mais minha e não a experimentada no morrer do outro. A cotidianidade decadente da *pre-sença*, com a certeza inadequada, evita o seu *poder-ser* mais próprio, insuperável e certo, ou seja, o impessoal encobre o que há de certo e característico na morte, é “possível a todo instante” (HEIDEGGER, 2007, p. 334) e dessa forma o seu quando é indeterminado. Em sua existência cotidiana o *ser-para-morte* foge dessa indeterminação, atribuindo-lhe determinações, ocupações cotidianas que se apresentam como urgentes e possibilidades previstas do que diariamente está mais próximo.

Heidegger (HEIDEGGER, 2007, p.335) delimita o pleno conceito ontológico-existencial da morte como sendo a possibilidade, enquanto fim, mais própria, irremissível, certa e, assim sendo, indeterminada e insuperável do *Dasein*. Ou seja, a morte é e está no *ser-para o fim da pre-sença*. A delimitação estrutural da morte gera uma compreensão sobre um modo de ser da *pre-sença* na qual, enquanto fim, ela pode ser toda. Nessa medida, o *ser-para-o-fim* que a cotidianidade interpreta nada tem a ver com aquele do qual ela foge, pois na *pre-sença*, enquanto fim, já é inerente o seu *ainda-não* mais extremo. Por isso, o *ainda-não* da *pre-sença* visto como pendente é ontologicamente inadequado, pois se apresenta com uma não-totalidade. Dessa forma, assim como a cura, o *ainda-não* revelado do anteceder-a-si-mesmo não é oposto ao *ser-todo*, pois é o anteceder-a-si-mesmo que possibilita esse ser para o fim. Para que haja a possibilidade do *ser-todo* da *pre-sença* é necessário que a cura seja compreendida como componente fundamental da *pre-sença* e una-se com a morte, enquanto possibilidade mais extrema desse ente. O *ser-para-morte* funde-se a cura. Enquanto ser-lançado no mundo, a *pre-sença* já é a sua própria morte e sendo para sua morte, morre a todo instante, durante todo o tempo que ainda não deixou de viver. Ou seja, a *pre-sença* morre de fato. Isso se dá ao mesmo tempo em que seu *ser-para-morte* já se decidiu de que modo quer estar sendo. A fuga decadente no cotidiano da morte é um *ser-para-morte* impróprio. Tem-se como impróprio um modo de ser, no qual a *pre-sença* pode desviar-se, o que geralmente acontece, mas não deve fazer isso sempre, pois: “a *pre-sença* existe, ela se determina como o ente que ela é, a partir de uma possibilidade que ela é e compreende” (HEIDEGGER, 2007, p. 336)

Geralmente, num primeiro momento, a *pre-sença* tem como modo de ser o *ser-para-morte* impróprio. É preciso pensar de maneira objetiva como a *pre-sença* pode existir em seu modo de *ser-para-morte* mais próprio. Numa primeira avaliação, o que se sabe é que o *ser-para-morte* é um ser para uma possibilidade e essa, só pode ser, uma possibilidade privilegiada da própria *pre-sença*. Ser para um possível pode ser entendido como um dedicar-se a realização de algo possível, nesse sentido enquanto ocupação o dedicar-se pode anular a possibilidade mais privilegiada da *pre-sença*. Logo, o *ser-para-morte* próprio não pode se dedicar a ocupar-se da sua realização, pois a morte é uma possibilidade de ser da *pre-sença*. O *ser-para-morte* não pode ser entendido como uma realização de si, mas também não pode significar manter-se no fim de suas possibilidades.

O pensar sobre a morte é quase sempre refletir sobre um possível que deve apresentar o menos possível a sua possibilidade. Não obstante, Heidegger (HEIDEGGER, 2007, p.338) nos diz que a possibilidade do *ser-para-morte* só pode ser entendida se existir por ela mesma, sem nenhum atenuante. Por isso, é na espera que a *pre-sença* age frente a algo possível em sua possibilidade. O *ser-para-morte* também é antecipar o *poder-ser* algo, cujo modo de ser, é em si mesmo, antecipar. Nesse antecipar o *Dasein* abre-se para si mesmo no que se refere a sua possibilidade mais extrema. É na antecipação que a *pre-sença* confirma a sua possibilidade de entender o seu *poder-ser* mais próprio, enquanto possibilidade de existir em sentido próprio. Não é outra, senão a morte, a possibilidade mais própria da *pre-sença*. Por tanto, é na antecipação da morte que a *pre-sença* pode desviar-se do impessoal e perceber-se, em seu *poder-ser*, perdida na cotidianidade do impessoal. Apenas a *pre-sença* pode assumir o seu *poder-ser* mais próprio, a morte não só é propriedade do *Dasein* como também torna-lhe singular. É a compreensão da infalibilidade da morte, no antecipar-se, que singulariza a *pre-sença* em si mesma. Dessa forma, a *pre-sença* só pode assumir o seu *ser-para-morte* mais próprio quando ela mesma permite a si essa possibilidade. Ou seja, é no antecipar que surge o poder de escolha, livre, a *pre-sença* pode existir para suas possibilidades mais próprias, estabelecidas a partir do fim, vistas como possibilidades finitas. É na antecipação da morte certa mas indeterminada que a *pre-sença* abre-se para uma ameaça que surge de seu próprio a priori e é essa ameaça

que constrói a indeterminação da certeza. Nessa indeterminação é a angústia quem mantém essa abertura fundamental para que a *pre-sença* assuma o seu ser mais próprio, pois, em essência, o *ser-para-morte* é angústia.

1.3. Algumas considerações.

As diferentes concepções da dicotomia vivos e mortos é o que em nossa dissertação será visto mais de perto. Ao longo dos dois romances de Saramago há dois momentos distintos em que esse par irá caminhar. No primeiro, entendendo-se como opostos, como foi colocado por Heidegger acima: no cotidiano quase sempre se acredita numa morte que vem e não a que está na própria *pre-sença*. Dessa maneira, a ausência de singularidade e possibilidades é algo perceptível e de alguma forma sufocante na narrativa dessas duas obras de Saramago.

Já no segundo momento, há uma fusão entre ser e morte, pois tornam-se uma coisa só, dando a possibilidade de se perceber nos protagonistas o poder ser mais próprio e irremissível da *pre-sença*. Iremos caminhar entre os labirintos de uma Conservatória e um país inusitado cujo fio condutor será essa contradição existencial: entre a forma de se entender a morte, que também está diretamente ligada a uma escolha vivida pelos personagens, seja de um ou de outro modo de ser *pre-sença*.

Há ainda, interligada a questão existencial, a discussão sobre as intervenções e até onde pode chegar a ação dos poderes que interpelam um ser. Veremos, através do Sr. José e da personagem morte, em que medida o poder e a morte interagem dentro do ser e as possíveis saídas para a construção de uma singularidade.

2. SR. JOSÉ – NAS PORTAS (DE ENTRADA E SAÍDA) DO SER.

Todo homem nasce de forma como muitos homens e morre de forma única

Martin Heidegger

Um homem de cinquenta anos² contido nos labirintos de uma imensa Conservatória, buscando não mais buscar, encerrando suas projeções futuras em apenas viver mais do mesmo com conformado aspecto de satisfação. Algo como morrer ainda estando vivo. Esta seria uma das primeiras questões que explodem logo nos primeiros capítulos de *Todos os Nomes*: com tanta consciência de morte, qual seria a de vida? Sim, porque, se pensarmos em definições dicionarizadas, morto é “tudo aquilo que perdeu ou não tem sensibilidade; inerte, e morte é uma interrupção definitiva; um fim” (HOUAISS, 2009) mas, certamente, vivo/ vida não são os antônimos disso e qualquer tentativa de dicionarização diz pouco ou nada do que é essa prática tão peculiar a cada ser que a ela pertence.

Quando Saramago, através de sua narrativa, nos permite conhecer as nuances da vida do personagem Sr. José, a porta de entrada é a apresentação do funcionamento do curioso local onde ele trabalha: Conservatória de Registo Civil. O Sr. José, praticamente, só é afetado pelo trabalho, é o seu trabalho que justifica toda a sua existência. O romance irá a todo momento apresentar as contradições entre ordem e desordem, tendo como foco o olhar de um mero auxiliar de escrita que, dentro de suas limitações, caminhará na tenuidade das ambigüidades do ser e suas representações fora e dentro de si. Atentaremos, aqui, para o embate entre o poder e a morte, duas imposições à vida. Vida essa que se apresenta sutilmente “casada” com o acaso, ganhando força para rever e romper com tais imposições.

Este personagem é um habitante, para além de um papel - mas que se comporta como quase um - da Conservatória Geral, arquitetonicamente, parecida com uma caixa - talvez em uma ironia de guardar as proporções, um caixão - onde todos os papéis de registros civis daquele país também lá habitam. Esse cenário é a chave de entrada para

² A idade precisa, cinquenta anos, do personagem Sr. José está em: SARAMAGO,1997, p. 63

conhecemos os mecanismos da sociedade onde José está inserido. Encontramos nela toda a estrutura para compreensão dos outros espaços descritos no romance, pois o que se percebe é que, quando o personagem sai dessa Conservatória para outras instituições (escola e cemitério), a organização encontrada nesses locais se repete quase como em espelho. É neste lugar que cada indivíduo recebe um selo, um nome de identificação, no qual serão acrescentados as ações normativas e saberes adquiridos por cada um. O Sr. José é o personagem fio de Ariadne, que nos permite caminhar entre os limites dos poderes e os limites existenciais que se apresentam em todo o romance. A duplicidade vivos X mortos é o muro que ergue os labirintos dessa obra.

A organização da Conservatória é rigorosamente descrita e assemelha-se a um triângulo, no qual a hierarquia vai apresentar-se da base ao topo. Na base temos os auxiliares de escrita que detêm o maior número de trabalho, em seguida os oficiais com algum trabalho; os subchefes e o conservador praticamente não possuem trabalho. A lógica é clara: quanto maior o poder, menor o trabalho. Dessa maneira, as oito mesas dos auxiliares ficam próximas ao balcão, as quatro outras são dos oficiais, logo atrás duas dos subchefes e o conservador ao fundo, podendo olhar a forma como todos trabalham sem que esses tenham a precisão do olhar do conservador. Como afirma o próprio Saramago: “não existe nenhuma insanável contradição entre estética e autoridade.”(SARAMAGO,1997,p.12).

Saramago, ao mostrar como funciona o espaço físico dos trabalhadores, também organiza o espaço dos arquivos de vivos e mortos, apresentando que a lógica se perpetua. Os vivos estão organizados em estantes ciclópicas que chegam a tocar o teto. Já os mortos, mais para trás, em um espaço pouco organizado. Parte dessa desordem, como narra o autor, deve-se ao fato de os mortos mais antigos fazerem fronteiras com os vivos, ou seja, um arquivo duplamente morto e na inversão da ordem. Dessa maneira, o Conservador ordenou que a ida ao arquivo dos mortos só poderia ocorrer com o uso do fio de Ariadne. O uso do fio de Ariadne para a consulta nos arquivos dos mortos é uma excelente metáfora para, a partir da vida, se pensar a morte, pois qualquer pensador sobre tal assunto precisará da ajuda de Ariadne para sair vivo desse labirinto.

Já nas primeiras descrições sobre o Sr. José, conhecemos seus medos e manias todas recalcadas pelo controle de não incomodar. Ele é o próprio nada, ninguém o percebe no trabalho. Esconde-se atrás de comportamentos que o tornem o mais invisível possível, perdendo a visibilidade até de si mesmo. Sofre de pânico de altura e, ainda assim, nada comenta em seu trabalho, sendo o único funcionário que sobe a escada para arquivar velhos documentos.

o seu espírito metódico se sente desafojado obedecendo a um princípio de igualdade, mesmo indo, neste caso, em desfavor seu, ainda que preferisse não ter de sempre ele a subir a escada de mão para mudar as capas dos processos velhos, sobretudo sofrendo de pânico das alturas. O Sr. José tem o louvável pudor daqueles que não andam por aí a queixar-se dos seus transtornos nervosos e psicológicos, autênticos ou imaginados. (...) Quando o Sr. José regressa enfim ao chão, ainda meio atordoado, disfarçando o melhor que pode os últimos mareios da vertigem aos outros funcionários, tanto os iguais como os superiores(...). (SARAMAGO, 1997, p. 22)

José, mesmo em casa, possui manias que ainda estão relacionadas a seu trabalho. Ele coleciona recortes de jornais de pessoas famosas apenas do seu país, pois assim sabe que tem o poder de estarem os verbetes delas na sua Conservatória. Não se sabe bem por que, mas ele não gosta de contar a ninguém essa sua mania. E é trabalhando nos arquivos de notícias de um bispo que ele tem a grande ideia que irá mudar a sua vida.

Vivo, este homem deixou-se estar só, trancado numa pequena casa dentro da Conservatória onde trabalha. Em sua casa, duas portas levam-no ao mesmo lugar, trabalho. Mas algo revela-nos uma saída: a porta proibida. Essa guarda uma magia, pois é o limite entre a casa, algo singular, e a Conservatória, rotina, ou seja, a saída está no cotidiano. Por isso, mesmo escolhendo não escolher, o Sr. José é levado pelo destino a sair desse lugar, apesar de continuar sempre no mesmo, mas agora, ao fazer a passagem pela porta proibida, encontra motivação para enfrentar suas abstrações e viver alguma interface com o real, algo além dele mesmo e suas contenções. Abrir portas, vivendo a tenuidade de entrar e sair, deixar para trás e prosseguir no imprevisível, obedecendo, assim, à grande dicotomia: vivo e morto. Algo que se impõe todo dia, toda hora, querendo ou não; nada escapa esta escolha, nada a esconde, apenas se atribuem significados a ela.

Como já foi dito, morando parede com parede e com uma porta que dá acesso direto à Conservatória, o Sr. José resolve invadi-la, durante a noite, e, com isso, cometer a sua primeira transgressão, tudo em nome da sua mania e do seu mundo de arquivista. De fato, atrás daquela porta, o próprio mundo se esconde, vivos e mortos convivendo confinados no mesmo lugar. Administrar e conhecer a organização de todos esses nomes é algo que realmente desperta um desejo de poder no Sr. José. Fascinado pela ideia de conhecer a forma como cada uma das personalidades que coleciona começou sua vida na sociedade, ou seja, onde moravam, quem eram seus pais, padrinhos, ele enfrenta a inércia de sua submissão para alcançar a autoridade de possuir essas informações.

2.1 Liberdade - o uso do proibido.

É usando a chave, pela primeira vez, que o Sr. José penetra esse mundo por uma nova porta, abrindo-lhe uma nova perspectiva de vida, percebendo-se de um outro lugar, apesar de ser o mesmo lugar, pois é ele quem não será nunca mais o mesmo.

O desafio de superar as regras e a autoridade começa a fazer dele um novo homem. Isso não se deu sem sofrimento, afinal, o Sr. José nunca enfrentou com tanta força o seu sentimento de subalterno. Ele só possuía a chave da porta que dava para a Conservatória porque o chefe acreditava no poder da sua autoridade, uma vez ordenado que não se podia usar a chave, isso bastava para que o funcionário não a usasse.

Mas, qual a importância dessa porta, a quantas outras ela sugere e quais as possibilidades que se abrem para esse homem viver? Não importando qual seja o final, simplesmente, ao escolher abrir a porta proibida, o Sr. José inicia uma nova vida, na qual a morte é apenas um detalhe dentro das inúmeras emoções de encontrar-se a si e ao outro: quantos limites, beleza, encanto e espanto pode haver nessa convergência escondida atrás de uma porta, cuja chave só ao Sr. José pertence?

A direção ou o primeiro ponto a se examinar que indique um pensamento ao falar de portas, de saídas e entradas, é: saída e entrada de quê? “Que lugar abandono e acolho nesse limite?” Porque a partir dessa tênue tomada de consciência, constantemente haverá emoções envolvidas, pois poderá existir o que ele não quer abandonar e o que tem medo de acolher. Apesar de não haver nada mais rotineiro e, na maioria das vezes, sem valor, há sempre implícita essa escolha na passagem por uma porta. Há passagens que são especiais, que produzem um marco, por exemplo, talvez a primeira vez que se passe por qualquer porta produza esse efeito por ser ali a abertura para novos possíveis.

Antes de falar sobre os marcos e passagens do Sr. José, é interessante ressaltar o papel de estar dentro de algum lugar no qual o abandono é algo difícil, onde trancar-se seja, talvez, uma atitude de segurança, de garantia, de conforto, de satisfação, de ter ali o ideal ou guardar algum segredo, algo que para que o outro entre seja necessário permissão. Uma pequena falha na construção dessa prisão do ser e que será sensível a quem está dependente de tantas garantias é que, em pouco tempo, tudo isso não passará de uma maneira de disfarçar um certo sufocamento, ou seja, nada produzirá em si mesmo o prazer, o gozo eterno, logo tudo terá a sua hora de ser abandonado. O Sr. José parecia não entender isso, não percebia o esgotamento de possibilidades do ambiente que ele criou para si e que outros criaram para ele. Trancou-se numa Conservatória como se ela fosse o seu “mundo”, como na peça de Beckett, *Esperando Godot*, em que a primeira fala do personagem resume a obra: “Nada a fazer” (BECKETT, 1952). Para ele, o encontro com a porta proibida é mais que uma passagem, é a superação dessas garantias sufocantes geradas por um plano de vida que funcionou por um tempo, mas que já não surte mais efeito.

A dificuldade em abandonar esses lugares não é outra, senão a percepção de que só a própria pessoa pode sair deles, mas, ao mesmo tempo, a única coisa visível é a dependência do mesmo. Por mais prejuízos que se tenha em continuar nesse lugar, há um falso raciocínio de que se conhece tudo dele e uma projeção de que, em outros ambientes, essa fórmula de existir irá se repetir, logo uma das garantias é a segurança de ser o senhor desse espaço, sem perceber, na verdade, ser o escravo de tantas repetições. Há tanta abstração que apenas transcendendo-as se alcança à saída, mas

é preciso algum fato exterior a isso, que indique uma escapatória para alcançar o real. O homem de cinquenta anos encontra o acaso ao ter a grande ideia de enriquecer a sua coleção de recortes de jornais com pessoas famosas, pois resolve acrescentar a ela cópias de registro civil de cada personalidade de sua coleção. Certa noite, tal inesperado aconteceu, o Sr. José resolve passar pela porta proibida.

Imagine agora quem puder o estado de nervos, a excitação com que o Sr. José abriu pela primeira vez a porta proibida, o calafrio que o fez deter-se à entrada, como se tivesse posto o pé no limiar duma câmara onde se encontrasse sepultado um deus cujo poder, não adviesse da ressurreição, mas de tê-la recusado [...]. Depois sentou-se e, com a mão ainda trémula, começou a copiar para impressos em branco os dados identificadores do bispo, o nome completo, sem lhe faltar um apelido ou uma partícula, a data e o nascimento, os nomes dos pais, os nomes dos padrinhos, [...], todos os nomes. quando chegou ao fim do breve trabalho estava exausto, suavam-lhe as mãos, tinha arrepios nas costas, sabia muito bem que havia cometido um pecado contra o espírito de corpo do funcionalismo, de fato não há nada que mais canse uma pessoa que ter que lutar, não com o seu próprio espírito, mas contra uma abstracção. Ao devassar aqueles papéis tinha cometido uma infracção à disciplina e a ética. [...] Ainda pensou em voltar atrás. [...] e, feito isto esquecer os minutos por assim dizer sublimes que tinha acabado de viver. Porém, pôde nele mais a satisfação e o orgulho de ter ficado a conhecer tudo, foi esta a palavra que disse, Tudo, da vida do bispo [...]. (SARAMAGO, 1997, p. 26 e 27).

Neste instante em que passa pela porta, este homem alcança o gozo de estar em si mesmo realizando algo cujo sentido é o que menos importa, pois não deve satisfações, apenas vive o prazer de estar a superar-se. Todos os efeitos morais e de estrutura social não podem deter essa força, tudo é menor, é uma experiência única, intransferível que só ao Sr. José é sensível, pois não está no catálogo enorme daquilo que é facilmente identificado e vendido como prazeroso no senso comum, não, não o que o Sr. José encontrou nessa porta só a ele satisfaz. É algo que, a julgar pelo ocorrido, não oferece nenhuma manifestação de desejo em um primeiro olhar; ninguém invejaria o Sr. José; sua história não está enquadrada nas melhores listas de estilos de vida, ela escapa a isso. É apenas um instante, mas é fundamental para criar-se todo o enredo, pois agora tanto ao personagem como ao leitor é imprevisível o que se pode ocorrer. Quais outras portas essa porta o fará abrir? Não há garantias. Os caminhos que o José percorrerá nem ele mesmo sabe. O que se sabe é que há uma excitação de que ele continue a transgredir, não importando se será gloriosa ou admirável a sua história, simplesmente será.

O intrigante e envolvente nesse personagem é que ele continua o seu enredo repleto de coisas aparentemente inúteis, pois o que faria com o que ficou sabendo da vida do bispo? Talvez, essa seja a magia da porta proibida, ela levou-o ao mesmo lugar, às mesmas manias, não há nada de errado com o Sr. José, apenas era necessário que se percebesse isso. As repetições e o cotidiano costumam ser os grandes vilões, mas, na verdade, só quem percebe a sutileza que o sr. José nem tem consciência que percebeu é que consegue encará-los e não tem a pretensão de querer eliminá-los.

“ (...) O efeito da queda poderia ser acabar-se-lhe a vida, o que sem dúvida teria a sua importância de um ponto de vista estatístico e pessoal, mas que representa isso, perguntamos nós, se, sendo a vida biologicamente a mesma, quer dizer, o mesmo ser, as mesmas células, as mesmas feições, a mesma estatura, o mesmo modo aparente de olhar (...) e sem que a estatística se tivesse podido aperceber da mudança, essa vida passou a ser outra vida, e outra pessoa essa pessoa.” (SARAMAGO, 1997, pg. 31).

Evidente que não é possível ignorar as debilidades do Sr. José e suas poucas escolhas, esse está longe de ser um herói e talvez por isso haja uma certa angústia ao se perceber a fragilidade de suas realizações, há sempre a espera de que algo mais aconteça, algo que o dignifique, que o torne importante. Mas, certamente, com tantos números de estatísticas, este homem é só mais um, em que pouco importa se ele é outra pessoa agora. Há um aparente ceticismo na forma como Saramago revela alguns de seus personagens, como se a eles não houvesse saída. Mas, a verdade é que as saídas estão nos grandes vilões citados acima, são a eles que não se quer encarar, é bem mais confortável identificar-se com o herói de grandes histórias cuja vitória sobre o antagonista frustrado já se apresenta nas primeiras linhas. Buscar enfrentar a comodidade, entender as limitações do efêmero é o que está à altura da existência e que vence a posição de ser um mero número, mas isso é apenas para os “loucos”. Por isso, a passagem pela porta proibida é o abandono do heroísmo e do fantástico distribuído pelo senso comum e é o encontro com o amor, com a arte com estímulos que leva essa personagem a prosseguir seu caminho exatamente como é.

Essa noite, tão marcante na vida do personagem, não poderia terminar sem aquilo que mais domina a sua existência, a sede por alguma autoridade. Ao olhar para a mesa do chefe, não pensou duas vezes em ir sentar-se nela, em finalmente ser ele “o

senhor dos arquivos”, fazendo a reflexão mais completa da sua condição: de manhã, estava ali por obrigação, mas a noite era sua, por liberdade, entrava naquele lugar e podia experimentar a sensação de tê-lo todo para ele. O sentimento foi tamanho que José só levantou-se da cadeira do chefe ao amanhecer. Ao entregar-se a esse novo momento, finalmente José começa a conhecer-se, a ver-se a partir de si e não mais dominado pelo sentimento de nada fazer para não ser visto. Ao chegar novamente ao seu local de trabalho, agora por outra porta e outra pessoa, ninguém desconfia que há ali alguém diferente: “disseram Bons dias, sr. José, e não sabiam com quem estavam a falar” (SARAMAGO, 1997, p. 28).

O Sr. José ganhou um novo fôlego para o trabalho, pelo simples fato de estar a juntar “Tudo” sobre a vida dos famosos de sua coleção, tais informações lhe acrescentaram um prazer que chegava a passar a madrugada a fazer cópias dos verbetes dessas pessoas, sem imaginar que tal prazer iria logo adiante triplicar. Durante os finais de semana, abria a porta da Conservatória pelo simples prazer de ficar a admirar todo aquele poder: “Sentia que estava a gostar do seu trabalho mais do que nunca, graças a ele pudera penetrar na intimidade de tantas pessoas famosas, saber, por exemplo, coisas que algumas tudo faziam para ocultar” (SARAMAGO, 1997, p. 32).

José fez a passagem proibida durante à noite quantas vezes foram necessárias para satisfazer o seu desejo de completar a sua coleção. Depois de chegar ao centésimo famoso, ainda não tinha esgotado a sua vontade de continuar a invadir a Conservatória, o sentimento de ser o dono daquele lugar o consumia. Criou habilidades para encontrar mais rápido cada verbete, enfrentava seu medo de altura sem grandes abalos, dormia na mesa do chefe. Mudara completamente a sua rotina. Este homem certamente não era o mesmo e já sentia ansiedade só de pensar que, para completar toda a sua coleção, só faltavam mais quarenta famosos. “o que faria depois?” Graças ao poderoso acaso e a um certo descuido da parte do Sr. José, a mulher desconhecida veio ao seu encontro. Finalmente, ele irá passar por outras portas, cujas chaves ele não terá; desafiar-se-á a encontrar outras pessoas para realizar o seu desejo. A mulher desconhecida será sua grande busca, o motor que alimenta esse desejo e o outro que nascia dentro dele mesmo. Agora sim começa a ser uma outra pessoa, irá avançar na sua vida e ir um pouco além da relação trabalho/ casa, casa/ trabalho.

Evidentemente, que todo prazer pode, um dia, tornar-se um vício; este dia não demorou ao Sr. José, que passou a usar o material da Conservatória para fazer os verbetes de sua coleção pessoal, de quase cem personalidades. O mais óbvio é que algum funcionário da Conservatória desse falta desse material e foi assim que o Sr. José e os outros funcionários foram chamados a atenção. Nesse momento, José percebe que deixou escapar a sua invisibilidade. Agora tinha medo de ser visto em seu erro. Ele tenta parar com o seu vício, tenta se contentar com o que já havia conseguido, mas sentia-se vazio, sem nada para fazer.

Começou a pensar que não haveria nenhum perigo em usar simplesmente os verbetes que tinha de reserva, nem que fossem apenas três ou quatro deles, apenas para ocupar um pouco da noite e dormir tranqüilo depois. A prudência tentava retê-lo, segurá-lo pela manga, mas como toda a gente sabe, ou deveria saber, a prudência só é boa quando se trata de conservar aquilo que já não interessa, que mal podia fazer-lhe abrir a porta [...]. (SARAMAGO, 1997, p. 35)

É então que resolve ir novamente, durante a noite, arriscar-se nas suas transgressões, mas dessa vez, embora a escuridão da Conservatória já fosse uma extensão do seu lar, estranhamente o medo era muito maior.

Mais nervoso do que julgara antes, girava a cabeça a um lado e a outro como se desconfiasse de que estava a ser observado por milhares de olhos escondidos na escuridão dos corredores entre as estantes. [...] Já assustado de verdade, voltou para casa a correr, com o coração aos saltos como se fosse uma criança que tivesse ido à despensa furtar um doce e viesse de lá perseguida por todos os monstros da treva. [...] Com a intenção de acalmar-se, foi beber um trago da garrafa de aguardente que guardava para as ocasiões, tanto boas quanto más. Por causa da pressa e da falta de costume, dado que na sua insignificante vida até bom e mau haviam sido raridade, engasgou-se [...]. (SARAMAGO, 1997, p.35)

É nesse momento que a mulher desconhecida e o acaso, finalmente, aparecem. Ao retornar ao lar (à sua segurança) acreditava estar com a posse de cinco verbetes e logo percebe ter trazido mais um ao acaso. Mais um que, ao contrário de todos os outros, não era de alguém famoso, mas de uma mulher desconhecida. Alguém de que nunca ouvira falar.

Neste ponto do romance, há uma virada de espaço e tempo. Finalmente o personagem sai da Conservatória para investigar outros espaços e o tempo já não é marcado apenas pela noção de dia e noite, mas a partir do ritmo dos acontecimentos aos quais o Sr. José se submete. A dicotomia vivos e mortos, que aparecia apenas

como uma classificação e como um conceito genérico da existência humana, agora, ganha nova expressão na vida de José e na morte da mulher desconhecida. Saramago, ao descrever, através de metáforas, o funcionamento da sociedade capitalista global, apresenta um contraste entre toda essa organização minuciosa, que serve ao poder de controlar corpos e ao empobrecimento do ser humano enquanto mero “fantoche”, e o grito pelo desejo, pela liberdade, por ir além daquilo que o classifica apenas como vivo ou morto. O autor mostra que mesmo o ser mais enraizado nessa sociedade de controle, é mais do que um conceito genérico e massificado: é uma singularidade; que, com a ajuda do acaso, percebe-se rompendo com esses controles tão asfixiantes onde não há alternativas para simplesmente ser. O Sr. José e a própria morte³ vão se aventurar nessa busca solitária e enriquecedora de experimentar estar para além destas dicotomia, sociedade e classificações.

Ao pegar o verbete da mulher desconhecida, o Sr. José estranha o fato de querer copiá-lo e de acrescentá-lo à sua coleção, imaginando por que aquele verbete lhe parecia mais importante do que os outros cem de sua coleção pessoal. O papel era de uma mulher com trinta e seis anos, que já havia casado e se divorciado e que, diferente de todos os outros nomes de seu arquivo, era desconhecida, tal como ele. José chega à percepção de que o verbete da desconhecida vale mais na sua coleção por ser diferente do comum a ela, exatamente o inverso do arquivo da Conservatória que tem milhares de desconhecidos e algumas dezenas de famosos. Essa desconhecida é diferente dos outros porque sua vida não está exposta na imprensa a toda hora, porque pode entrar e sair do mundo sem quaisquer rastros para os outros, a não ser os arquivados na Conservatória e na memória de seus parentes.

Acredita, realmente, que o um que você também é vale o mesmo que cem do seu armário pra não irmos mais longe, valem tanto como você [...] eu sou um simples auxiliar de escrita, nada mais que um simples auxiliar de escrita de cinquenta anos que não foi promovido a oficial, se eu achasse que valia tanto como um só dos que ali tenho guardados, ou como qualquer destes cinco de menos fama, não teria começado a fazer a minha coleção, então por que é que não pára de olhar para o verbete dessa mulher desconhecida, como se de repente ela tivesse mais importância que todos os outros, Precisamente por isso, meu caro senhor, porque é desconhecida [...]. (SARAMAGO, 1997, p. 38).

³ Protagonista de *Intermitências da Morte*

José, tal como o autor desse romance faz com o seu personagem, monta um palco para sua desconhecida atuar como estrela, entendendo que não apenas os famosos, mas pessoas como ele e aquela mulher mereciam um olhar mais atencioso e, com isso, cria um novo saber na sua área, pois esse é um conhecimento que o olhar da Conservatória não tem sobre os seus arquivos, que não passam de vivos e mortos.

José vai dar vida a essa desconhecida, como alguém que dá vida a si mesmo, pois há uma relação especular entre ele, desconhecido até mesmo de si, e ela. Dá-se completo sentido à epígrafe do livro: “Conheces o nome que te deram, não conheces o nome que tens” (livro das evidências), pois é na solidão e no desejo enorme de vida que os dois vão tentar respostas, ou se perderem nas perguntas, ao vazio que cada um carrega dentro de si.

A mulher desconhecida continua desconhecida para todos nós. Ela é a própria morte, pois como aquela esta também não se torna conhecida. Cada um encerra em si a sua singularidade por mais alcance que se tenha do outro não se chega totalmente a ele. O Sr. José tentou através de outros (pais, madrinha, chefe, registros) chegar à mulher, mas chegou tarde: essa se suicidou. Ninguém sabe explicar a causa. Está morta. Ponto. Talvez de interrogação. Fim de vida? Começo para o Sr. José que descobriu que há algo que só a ele pertence. Tanto contraste vivido entre o autoritarismo e a submissão não diziam totalmente quem ele era, não eram capazes de destruir as suas possibilidades. Há um vazio nele que só ele mesmo é capaz de alcançá-lo. Há algo na morte que revela nós mesmos. O medo de morrer é perder a única coisa que se tem, a vida. Mas, no caso do Sr. José, o que se tem? Um emprego em uma Conservatória, uma casa dentro do seu trabalho, ou o contrário, um trabalho dentro de sua casa e sua mente? Uma coleção de pessoas famosas? E agora José? É a pergunta de Drummond. José responde com a vida, com sua loucura, com suas ideias fixas. E agora? Engana a morte com o sentido que consegue dar às suas realizações, transgredindo a ordem a todo instante, sem explicações adequadas nem mesmo para si. O próprio homem torna-se espelho da morte, pois há muito que não se explica nela; há muito que sequer é possível supor. Há silêncio em forma de resposta. Há dentro de cada sujeito, cada nome, um silêncio. O Sr. José descobriu isso, a desconhecida mulher do acaso começa a revelar-lhe um tesouro.

2.2 A intimidade do outro - Uma porta trancada (a Srª do rés-do-chão)

Para chegar à mulher desconhecida, o Sr. José vai à casa da madrinha, a Srª. Do rés-do-chão; ao colégio onde, quando menina, a mulher estudou e também trabalhava, ao cemitério, à casa dos pais, até finalmente chegar à própria casa da desconhecida. Em todos esses caminhos cheios de quebra-cabeças, o Sr. José faz uso de uma credencial que, em sua redação, é a própria retórica da autoridade máxima, levando inclusive as pessoas a não entenderem para quê tanta firmeza para obter informações tão vagas. Como já foi colocado acima, o Sr. José não conhece outra forma de relacionar-se com o outro, apenas a marca submissão X autoridade. Precisava a todo custo saber das informações que o levassem a conhecer a mulher desconhecida e para isso usou o poder da Conservatória como respaldo para tentar alcançar seu desejo particular.

As credenciais falsas, que lhe davam poder para invadir as casas e a vida das pessoas com total autoritarismo, eram como um espelho das frustrações do Sr. José, pois, em sua vida cotidiana, não conseguia ir muito além de suas marcas, vivendo quase sempre submisso, afirmava sua fantasia de autoridade através das credenciais. Sua passividade é, no fundo, uma arrogante autoridade visto que é uma pessoa sozinha e que não interage com outras opiniões, o único que manda é ele mesmo. José chega a travar diálogos consigo mesmo, com o teto, nos quais ele sempre sai vitorioso e não poderia ser diferente posto que as opiniões contrárias nesse diálogo também eram elaboradas por ele mesmo.

até os bons podem tornar-se duros e prepotentes, mesmo que seja apenas escrevendo uma credencial falsificada ou não. Dirão eles a desculpar-se, É que este não era eu, estava só a escrever, a agir em nome doutra pessoa, e no melhor dos casos o que querem é iludir-se a si mesmos, pois na verdade, a dureza e a prepotência, quando não a crueldade, era dentro deles que estava a manifestar-se, e não dentro de outro, visível ou invisível[...]. (SARAMAGO, 1997, p. 58).

O novo homem levou dois dias para tomar a decisão de ir até o local onde a mulher desconhecida morava quando nasceu, tal como constava no verbete. Essa

demora deve-se ao enfretamento de uma grande expectativa gerada pela angústia e ansiedade de ter de dar um lugar concreto a todo o seu desejo de conhecer aquela mulher. Essa descoberta não poderia dar-se de qualquer maneira, o Sr. José queria que aquele sentimento dentro dele pudesse durar mais, pois dentro dele era seu todo o (des)controle dessa emoção, mas fora dele teria que estar aberto ao que pudesse vir. O que sabia era que desejava que não fosse tão rápido o seu encontro, até por não saber quais as razões de querer encontrá-la. Não poderia suportar que tudo terminasse sem que desse alguma continuidade a algo que tinha certeza de que havia começado.

Uma angústia súbita apertou-lhe a garganta enquanto a razão afligida tentava resistir, queria que ele mostrasse indiferença, que dissesse, Melhor assim menos trabalho me dará, mas a angústia não desistia, continuava a apertar, apertar e agora era ela que estava a perguntar à razão, E que vai ele fazer, se já não pode realizar o que pensou, Fará o que sempre fez, recortará recortes de jornais, fotografias, notícias, entrevistas, como se não tivesse sucedido nada, coitado não acredito que o consiga, Porquê, A angústia, quando chega, não vai embora com essa facilidade, Poderá escolher outro verbete e ir à procura de outra pessoa, O acaso não escolhe, propõe, foi o acaso que lhe trouxe a mulher desconhecida, só ao acaso compete voto nessa matéria [...] Significa isso que algo pode acontecer ainda, Algo, não, tudo, Não compreendo, Só porque vivemos absortos é que não reparamos que o que nos vai acontecendo nos deixa intacto, em cada momento, o que nos pode acontecer se vai regenerando constantemente, não só se regenera como se multiplica, basta que comparemos dois dias seguidos, nunca pensei que fosse assim, São coisas que só os angustiados conhecem bem. (SARAMAGO,1997, p. 47-48).

Nesse diálogo belíssimo entre a razão e a angústia, Saramago revela o quanto o Sr. José dará tudo de si nessa investigação, o quanto ele está entregue a esse novo olhar que deu à vida e o quanto a angústia e a ansiedade que há diante de algo estão diretamente ligadas ao nível de entrega a isso. E o mais prazeroso é que há sempre um ganho no ato de entrega, não importando se a frustração ou decepção podem suceder a esse fato, aliás, tais sentimentos só ocorrem quando há uma total entrega. O medo de que tivesse de voltar a viver como antes tirou o sono do Sr. José nesses dois dias de tomada de decisão; nascer não é uma escolha, mas viver, sim, e este homem estava exatamente nessa linha tênue, pois, se tivesse que voltar atrás, por qualquer razão, sabia que não conseguiria ignorar o fato de agora estar a viver.

Então, ele foi. Rumo a sua escolha, a sua decisão. Em vinte e cinco anos de trabalho, pela primeira vez, pediu para sair mais cedo. Chegou ao endereço que tinha no verbete. Bateu na porta e percebeu logo que a mulher que ali morava, com um bebê e o marido, não era a mulher desconhecida. Aquela lhe deu duas indicações

importantes, a necessidade do uso de uma credencial e a Sr^a. Do rés-do-chão. Com isso, José tem a sua ponta do fio de Ariadne. Apresentava-se para os outros como um funcionário da Conservatória que estava em serviço, disfarçando suas reais intenções, foi assim que conseguiu o início da concretização de busca pelo seu desejo, afastando as razões íntimas de estranhos e causando estranhamento nas razões profissionais dessa busca.

Agora com a credencial na mão, em um dia de sábado, resolve tocar na porta da Sr^a Do rés-do-chão. Essa não queria abrir a porta para o Sr. José; ele teve de responder a várias perguntas com a porta ainda trancada, apenas quando ela ouviu o nome da mulher desconhecida é que finalmente entreabriu a porta. Essa era a primeira vez que José desafiava alguém. A mulher só o deixou entrar depois que ele ameaçou que chamaria a polícia - quem diria que aquele homem invisível no início seria capaz de tamanha exposição mentirosa e um tom de autoritarismo desse porte?-. O fato é que, pela primeira vez, sentiu-se vitorioso em sua vida. Mal entrou na casa daquela senhora, ficou sabendo que ela era um dos nomes registrados ali naquele verbete, era ela a madrinha da mulher desconhecida.

José e esta senhora, sem perceber, irão se destrancar e ter um encontro muito pessoal. Ela é uma mulher experiente que, na sua razão, não quer sua intimidade invadida por estranhos e ele alguém que finalmente permite-se precisar do outro para realizar um desejo, mas está disfarçado do que antes era a única coisa que era, um mero auxiliar de escrita. Nesse embate quem ganha é o espaço que é criado entre os dois, não é de um nem de outro a vitória, mas do “entre” criado naquele instante por eles. Por qualquer razão do acaso, eles não conseguiram se manter trancados em suas intenções, abriram as portas, ela até mais do que ele, mas ele nem percebeu o quanto se abriu e o quanto notou quem era, pois na medida que se revelava a ela também se revelava a si.

Para Conservatória de Registo Civil não existem assuntos íntimos. A mulher olhou-o fixamente, quem é o senhor, a minha credencial acabou mesmo agora de lhe dizer quem sou, Só me disse como se chama, é o Sr. José, Sim, sou o Sr. José, Pode fazer-me as perguntas que quiser, e eu não posso fazer-lhe nenhuma, A mim só tem competência para me interrogar um funcionário da Conservatória de escalão superior, É uma pessoa feliz, pode guardar os seus segredos, Não creio que alguém seja feliz só por guardar segredos, É feliz, o que eu sou não interessa, Já lhe expliquei que só a hierarquia está autorizada a fazer-me perguntas, Tem segredos, não respondo, Mas eu

terei de responder, [...] disse sem abrir os olhos, A mãe da menina suspeitou que mantinha uma relação íntima com o marido, E era verdade, Era desde há muito tempo. [...] é que eu sei pouco da vida das pessoas, Tal como o seu chefe, tal como a sua Conservatória [...] o senhor é uma criança, ainda tem muito o que aprender [...] É casado, Não, nem viveu nunca com uma mulher [...] nunca vivi, só ligações de passagem, temporárias, Nem isso, vivo sozinho, quando a precisão aperta faço o que todos fazem, vou à procura e pago, já reparou que está a responder a perguntas, Sim, mas agora não me importa, se calhar é assim que se aprende, respondendo [...]. (SARAMAGO, 1997, p. 61,62 e 63).

Dois indivíduos solitários ligados pela mulher desconhecida, vivendo um encontro no qual puderam testar-se diante do outro, uma certa nudez da alma. Algo bem diferente daqueles papéis sujos e limitados da Conservatória, aliás, o nome Conservatória reforça a noção de prisão, o sentido denotativo do termo remete a uma certa ironia: “lugar onde se mantém algo (ou, por vezes, alguém) livre de alterações ou incólume” (HOUAISS, 2009). Certamente isso só pode ocorrer em um lugar como esse, pois diante do outro e da vida nada se conserva, tudo é gasto, embora haja a sua importância à conservação, fazer disso o seu mundo e reproduzi-lo no mundo é um total empobrecimento. O Sr. José estava aprendendo isso, mesmo com teimosia e usando a autoridade para resistir aquele momento, não o pode evitar. Estava ele lá a responder a verdade sobre si mesmo diante de alguém, com toda a insegurança de quem vive pela primeira vez aquela experiência.

A Sr^a Do rés-do-chão também resolve desabafar, guardava um segredo que nunca contou a ninguém, resolveu viver só com suas lembranças, talvez, por isso, tanta dificuldade e perguntas para abrir a porta e deixar um estranho entrar. Como o “Barba Azul”⁴ que guardava o seu segredo a sete chaves, só ele podia ter acesso aquele horror, mas o estranho mesmo era guardá-lo dentro de casa onde alguém poderia descobri-lo facilmente. Toda tentativa de disfarçar ou esconder-se do outro, é no fundo expor-se mais, pois no primeiro encontro com ele, olho no olho, a brincadeira é bem transparente, todos conhecem as regras: é quem consegue se esconder mais e por mais tempo.

O objetivo de José ao bater na porta da Sr^a Do rés-do-chão era saber aonde poderia estar a mulher desconhecida, qual o seu atual endereço, mas deixou-se levar pela conversa e ao final do dia ainda não tinha grandes notícias sobre seu paradeiro

⁴ Protagonista do conto *O Barba Azul* (Perrault, 1697)

pois, no último contato que aquela senhora fez com sua enteada, esta tinha oito anos. Após dar uma foto de quando a mulher desconhecida era criança, e já no final do estranho encontro, a Sr^a Do rés-do-chão resolve dar a informação de onde era o antigo endereço do colégio em que a menina estudara. Havia sido tão envolvente aquele momento que a razão pela qual ele começou se perdeu no meio de intimidades trocadas.

explique-me por que demorou tanto a dar-me esta direcção, A razão é muito simples, não tenho ninguém com quem falar. O Sr. José olhou a mulher, ela estava a olhá-lo a ele, não vale a pena gastar palavras a explicar a expressão que tinham nos olhos um e outro, só importa o que ele foi capaz de dizer ao cabo de um silêncio, eu também não. (SARAMAGO,1997, p. 65).

O Sr. José pegou aquela fotografia com as mãos trêmulas, estava diante de sua desconhecida, do seu objeto de desejo. Podia ver-lhe, agora tinha uma imagem real, embora não fosse atualizada. O valor daquela reprodução revelava-o ainda mais, sim aquela busca era particular, não havia como disfarçá-la diante da Sr^a Do rés-do-chão.

A boca quis sorrir mas não pôde, ficou assim. Coração sensível, o Sr. José sentiu arrasarem-se de lágrimas os seus próprios olhos, Não parece um funcionário dessa Conservatória, disse a mulher, É a única coisa que sou, disse ele, Quer uma chávena de café, Viria Bem. (SARAMAGO,1997, p. 66).

José à medida que sai da condição superficial e morta de ser apenas um nome, descobre a possibilidade de dar ao outro condições de ser mais também, de ter uma história, na qual não importa o quanto pareça desconhecido o outro, ele é uma possibilidade, um caminho que exige tempo gasto em conhecê-lo, há uma densidade nessa busca, que vai além de títulos e estruturas que se cria para classificar e orientar os tipos de pessoas, o que contém atrás de cada nome. Substantivo é um ser verbal que é movido por ações e que não cabe apenas nas denominações, como em um dicionário ambulante de isto é aquilo e aquilo é isto, mas em um livro cuja história é escrita com cuidado, na qual a certeza da próxima página preenchida não existe para o autor, pois ele vive a ação de cada página; seu compromisso não é com cada título de capítulo, mas com cada movimento para chegar até eles. O leitor de cada história precisa dedicar-se a perceber as questões trazidas por cada texto, a saída de si em busca do outro tem esse movimento, esse trabalho.

2.3 Nas portas da escola – um solitário disposto a aprender.

Mesmo com todas as dicas e aprendizado que a conversa com a Sr^a do rés-do-chão tenha ensinado, o Sr. José ainda não estava satisfeito, ainda queria fazer sua busca pelo caminho mais longo e solitário, mais do que encontrar a desconhecida, ele queria devassar a sua vida publica, queria ter em mãos todos os verbetes que fossem referentes à vida dela, antes que pudesse vê-la. Talvez, a sua experiência profissional tenha-o ensinado a dar mais valor aos papéis, aquilo que está escrito ao invés do real, que se apresenta volúvel. Afinal, o que está escrito tem o valor de verdade pelo seu caráter de conservação.

Com o endereço da escola onde a mulher desconhecida estudou, José não perdeu tempo em recomeçar a sua busca. Mas, desta vez, não usou a credencial, resolveu invadir o colégio durante a noite de um final de semana chuvoso, queria ter acesso aos verbetes da mulher sem que precisasse pedir a ninguém. Como um assaltante, quebra discretamente a janela dos fundos da escola e de uma queda cai do outro lado, estando finalmente em outro mundo vazio e com papéis arquivados, onde pode se deliciar em sua busca.

Atualmente é muito comum essa prática, as redes sociais incitam as pessoas a, de certa forma, vigiar a vida do outro através de dados disponíveis na rede, e não faltam pessoas que tomem tais informações como a verdade sobre alguém, deixando de lado o que está atrás de cada mensagem e imagem, isso quase nunca importa. É um jogo de *credenciais falsas* a todo instante, pois aquele que posta suas informações diz ser quem quiser: homens que se passam por mulheres, gordos que se passam por musculosos, inventa-se ser para o outro o que desejar. Há uma contradição nessa prática, pois a maior parte dos relacionamentos só reforçam o medo de se expor concretamente ao outro, há pessoas que preferem conversar, estando no mesmo ambiente, pela rede do que pessoalmente. Assim também parece ser com o Sr. José, o que estava escrito valia mais ou, antes, era mais confortável do que encarar o real, pois, afinal, era só uma questão de procurar o endereço da mulher desconhecida na

lista telefônica – a Sr^a Do rés-do-chão o havia dado essa dica – mas, é mais fácil criar e deixar crescer o outro dentro de si do que confrontar essa imagem de expectativa com quem este realmente é.

Dessa maneira, ao entrar na escola pela janela durante a noite precisou disfarçar ao máximo para não ligar as luzes e ganhar visibilidade para os vizinhos; abrindo e fechando portas para descobrir onde podia dormir, chegou ao gabinete do diretor. Nu, deitado no sofá estava só consigo mesmo, ali não podia fugir das questões que não queriam calar: o que estaria fazendo naquele lugar; o que faria se alguém lhe visse daquela maneira?

sem se poder conter de pura exaustão nervosa, começou a soluçar, um choro desatado, quase convulsivo, [...] o rapazinho das primeiras classes que cometeu uma travessura e foi chamado ao director para receber o merecido castigo. [...] sujo o corpo, magoado o espírito, e ambos infelizes, que faço eu aqui, perguntou-se, mas não quis responder, teve medo de que o motivo que o tinha trazido a este lugar, posto assim a descoberto, lhe aparecesse absurdo, disparatado, coisa de louco [...]. (SARAMAGO, 1997, p. 99).

Coisa de louco? Sim. Como explicar a que ponto a sua busca o fez chegar? Nada que ele encontre como explicação para estar naquele sofá, da maneira como chegou e ali estava irá parecer o bastante para justificar. Mesmo seguindo o seu fio de Ariadne para encontrar a saída, não poderia fugir daquele encontro, daquele ponto a que chegou, quem estava ali era ele mesmo e só ele; é como se nunca estivesse a buscar outra coisa ou que não pudesse encontrar nada além de si. Como se mesmo que tivesse escolhido um outro caminho para entrar no labirinto, este lugar fosse inevitável. O Sr. José parece viver em uma zona de sufocamento ambulante, como se cada tentativa de encontrar o outro o levasse a perceber o quanto era só. Chorava a sua falta de sentido, como se o sentido o tivesse traído, como se nunca o tivesse encontrado, o fato é que, estava ali e via-se completamente nu.

No dia seguinte, após ir à enfermaria para cuidar de seus ferimentos externos e tomar algo para o resfriado que a chuva lhe causou, alimentou-se no refeitório, era já um novo homem. E antes de ir direto ao local onde a sua busca começaria, preferiu ficar a observar todos os cômodos da escola como se pudesse voltar ao passado, há trinta anos, quando a desconhecida mulher por aqueles corredores andava. Duas vidas

que nunca se viram, cruzam-se na mente de uma delas a imaginar como seria encontrar com a menina-mulher desconhecida.

A secretária, pensava o Sr. José ser o local onde encontraria os verbetes de quando a mulher desconhecida ali estudara, mas percebeu logo que lá só estavam os documentos atuais. Desesperou-se, porque em toda a sala não havia um arquivo de estudantes antigos.

Nervoso, e apesar de adivinhar que a busca seria inútil, abriu os armários e as gavetas das secretárias. Nada. A cabeça, como se não tivesse podido suportar a decepção, começou a doer-lhe mais. E agora, José, perguntou-se. Agora procurar, respondeu. [...] Desesperado, saiu para o corredor, Tanto esforço para nada [...]. (SARAMAGO, 1997, p. 105).

José invadiu aquela escola pelos mesmos motivos que invadiu a Conservatória, como arquivista queria ter mais verbetes que indicassem quem são aquelas pessoas que ele colecionava, este era o seu prazer; ter em seu domínio informações sobre o outro sem que fosse este a informar-lhe. Não poderia sair daquela escola sem este gozo realizado.

Noutras circunstâncias talvez o Sr. José, tivesse pensado que, assim como havia lhe ocorrido a ideia de enriquecer os seus recortes com as cópias dos verbetes de nascimento, também seria interessante poder juntar-lhes a documentação referente à frequência e ao aproveitamento escolar. De qualquer modo, nunca passaria de um sonho de realizações impossível. Uma coisa era ter os papéis de nascimento [...] na Conservatória Geral, outra coisa seria andar pela cidade a assaltar escolas só para saber se [...] fulano era tão indisciplinado como gostava de declarar nas entrevistas [...]. (SARAMAGO, 1997, p. 106).

Não podia acreditar que tivessem eliminado as informações que foi buscar ali, não parava de procurar a porta que indicasse onde poderia ter o arquivo de alunos antigos, saiu de sala em sala em uma busca frenética. Encontrou a sala de arquivos, mas havia apenas documentos de cinco anos atrás. Quando o desespero finalmente tinha tomado conta, o Sr. José encontrou a porta que precisava para pôr fim à sua agonia.

Acreditou o Sr. José que havia chegado ao termo dos seus trabalhos, à coroação dos seus esforços, reconheça-se na verdade, que o inverso disto seria uma inadmissível dureza do destino, alguma razão o povo há-de ter para persistir em afirmar, não obstante as contrariedades da vida, que a má sorte nem sempre há-de está atrás da

porta, atrás desta, pelo menos, como nos antigos contos, deve de haver um tesouro, mesmo que, para chegar a ele, ainda seja preciso combater o dragão. (SARAMAGO, 1997, p. 107).

Por fim, achou o seu tesouro em um sótão escuro e completamente empoeirado, conseguiu roubar todos os verbetes com fotografia dos anos em que a desconhecida estudou naquela escola. Ao fim de sua busca estava completamente negro de sujeira e constipado. Havia conseguido o que queria naquele local, mas o que sabia sobre a mulher desconhecida agora? Nada. Tinha treze verbetes dela com suas notas, porém aquilo não contava quem ela era. O Sr. José agora sabia a mesma coisa de quando encontrou o verbete da desconhecida na Conservatória.

Esse parece um momento muito comum nas relações humanas; a curiosidade em saber muito sobre quem é o outro leva-nos a investigá-lo, a ter informações que não dizem quem de fato ele é. Cada um é a construção de momentos e encontros, toda e qualquer informação, que não seja o outro a passar, só revelará momentos já vividos, que certamente influenciam e fazem parte do presente, mas que poderão não se repetir ou representar quem é aquela pessoa agora. Tudo que é estático não define completamente um ser humano, apesar de viver delas, ele sempre escapa às definições, há sempre algo que está alheio e que só um encontro poderá (ou não) revelar.

José vive re-produzindo as suas construções e o seu olhar em suas novas experiências; ao abrir novas portas parece buscar apenas o prazer da primeira onde se trancou, sem se permitir, realmente, ir além. Certamente, ele encontrou a saída ao perceber que não dava mais para continuar a ser o mesmo auxiliar de escrita que vivia colecionando recortes de revistas e se escondendo das pessoas, pois o acaso lhe deu uma busca e ele a escolheu. Mas, toda escolha precisa ser reafirmada e trabalhada todo dia, a todo instante até tornar-se natural, um hábito, tal qual o seu mundo de arquivista. Este homem estava diante da reação de forças de dois mundos que, uma vez descobertos, não se anulavam, apenas residiam dentro dele: seus arquivos e papéis, que o trabalho e as construções sociais o tornaram, e a vida desconhecida, que ele nem sabia que poderia ainda ter aos cinquenta anos, na qual até o amor encontra espaço para atuar. É evidente que pela prática e hábito do primeiro mundo, o segundo

ainda não tem consistência suficiente para se equilibrar com o mesmo, mas é fato que resiste e que tem força. Os dois são o Sr. José e essa é a luta que o faz vivo.

A mulher desconhecida, a comparar com o que José conseguiu encontrar até agora, ainda está distante de se tornar conhecida, e talvez esteja sempre. Mas, a cada passo para alcançá-la, este homem se descobre mais.

Ao retornar da escola para casa, completamente sujo e maltrapilho, o Sr. José estava muito doente, completamente acamado. Com muita naturalidade abriu a porta de fronteira com a Conservatória Geral e avisou a um dos colegas que não poderia ir trabalhar. Nunca em toda a sua história se expôs tanto e com tanta transparência. Sem perceber, arriscou tudo o que tinha ao abrir novamente essa porta.

o Sr. José entreabriu a porta de comunicação e fez pst-pst para chamar a atenção do colega auxiliar de escrita que se encontrava mais perto. O homem virou a cabeça e viu uma cara congestionada, de olhos a piscar, Que deseja, perguntou, em voz baixa para não perturbar o serviço, mas deixando assomar às palavras um tom de recriminação irônica, [...] Estou doente, disse o Sr. José, não posso ir trabalhar. [...] o Sr. José, sem se dar pelo que fazia, abriu um pouco mais a porta, mostrando-se de corpo inteiro à Conservatória Geral, com um roupão velho por cima do pijama [...]. Fosse por efeito da febre ou da fadiga, ou de ambos, este pensamento não o inquietou, não lhe pareceu estranha a irregular ideia de faltar o serviço, neste momento o Sr. José não parecia ser o Sr. José, ou eram dois os Srs. José que se encontravam deitados na cama, [...] um Sr. José que perdera o sentido das responsabilidades, outro Sr. José para quem isso se tornara totalmente indiferente [...].” (SARAMAGO,1997, p. 116, 117 e 118).

Cada vez que o Sr. José abre essa porta encontra mais liberdade, ganha mais poder e um marco, um corte na sua história. Vinte e cinco anos da sua história são marcados por essa trajetória de casa para Conservatória e vice-versa, mas agora a cada ida e vinda por esse lugar proibido, percebe nele uma grande abstração vencida. A Conservatória sempre engoliu a casa do Sr. José, mas agora ele a encara diferentemente, tem de novo um novo olhar, como se dissesse: “venha monstro das trevas, não tenho medo de você, e mais, quero me divertir com você.” Há sempre este presente atrás da porta quando o Sr. José a abre: a liberdade de arriscar-se.

A liberdade, a saída do imaginário é construída, não se dá sem riscos, sem esforços e esforços não mais pelas ideias de outros, mas pelas suas próprias ideias. O que se percebe nesse personagem é que tudo o prende, tudo o limita quando vai à busca de outras possibilidades. Há um tempo enorme gasto para estar dentro de uma lógica perversa a si mesmo, na qual, se não há a possibilidade de ser “normal”, é melhor trancar-se atrás de qualquer porta com medo da vida.

Encontrar-se com a porta proibida sempre sugere ao Sr. José a possibilidade de uma nova saída, pois percebe que há sempre mais um caminho a seguir, há sempre outra porta por trás daquela a se abrir. É seu tesouro sentir-se assim.

2.4 A caminho do cemitério – quando o acaso não está a favor.

Após tanta exposição e mudança na vida desse homem, parecia que nada mais poderia detê-lo, já tinha ido longe demais. O único obstáculo irremediável que poderia encontrar era a morte. Completamente doente e acamado, não seria difícil que essa lhe fizesse uma visita, mas, por hora, não ela, mas o chefe da Conservatória resolveu visitá-lo e, para tanto, utilizou a passagem proibida ao Sr. José. José nunca poderia imaginar que o seu chefe estivesse ali, em sua casa, da forma como entrou e preocupado com a sua saúde, dando orientações ao médico e ao enfermeiro para que cuidem da recuperação de seu funcionário.

Tomou os comprimidos que lhe mandei, sim senhor, [...] O Sr. José mal podia acreditar que a pessoa que, diante dos seus olhos, estava a dobrar a receita e a guardá-la cuidadosamente no bolso fosse realmente o chefe da Conservatória Geral. O chefe que a duras penas aprendera a conhecer nunca se comportaria desta maneira, não viria em pessoa interessar-se pelo seu estado de saúde, e a hipótese de querer, ele próprio, encarregar-se da compra dos medicamentos de um auxiliar de escrita, seria simplesmente absurda. (SARAMAGO, 1997, p. 128)

Mais do que estranhar aquela atitude, o Sr. José julgava não merecê-la. Estava em um território estranho, pois agora se encontrava exposto, tanto esforço para não incomodar outros e se manter distante parece não ter funcionado. À medida que se aproxima mais da desconhecida, ele aproxima outros dele mesmo e da realidade de suas relações, fazendo aparecer não apenas o que ele imagina do outro, mas o conhecer quem é esse outro. Esse com quem o acaso o força a dialogar. Foi assim com a Sr^a do rés-do-chão e agora com o seu chefe. Essas conversas se dão com o intenso uso de poder, o mesmo que o Sr. José utiliza para invadir casas e ao mesmo tempo é invadido em sua privacidade pelo seu chefe, dando a falsa impressão de que não há nada que se possa esconder do olhar da conservatória.

O Sr. José não suporta a ideia de que seu chefe estivesse ali em sua casa e pudesse descobrir suas peripécias e, mais que isso, não suporta a inversão do uso da porta, pois agora tinha uma privacidade, algo que estava além do olhar da Conservatória e todas as aparências que sempre preservou. Sentia que precisava defender aquele território cheio de seu vazio. É armado dessa maneira que esse homem recebe o seu chefe. Porém, depara-se com uma grande surpresa, seu suposto adversário veio em missão de paz, queria tratá-lo, há algo na atitude do chefe que escapa ao controle do Sr. José, pois aquele se comporta fora da lógica da autoridade tão preservada pela forma como, até então, o Sr. José entendia a vida.

Não três dias, mas uma semana, foi quanto o Sr. José precisou para que se lhe reduzisse a febre e remitisse a tosse. [...] Portanto ela era consequência da claríssima ordem do chefe da Conservatória Geral, senhor doutor, trate-me aquele homem como se estivesse a tratar-me a mim, é importante. O médico não atinava com as razões do óbvio tratamento de favor que lhe estava a ser recomendado e muito menos com a falta de objectividade da opinião valorativa expressa, conhecia de alguma visita a casa do conservador, a sua maneira confortável e civilizada de viver [...] sem qualquer semelhança com o tugúrio tosco deste Sr. José permanentemente mal barbeado e que parecia não ter lençóis para mudar. (SARAMAGO, 1997, p. 137)

Ao retornar ao seu trabalho, depois de ser tão bem tratado, ainda que as razões do chefe lhe fossem desconhecidas, José, mesmo fraco, trabalhou bastante. Quando estava trabalhando em um verbete de nascimento, o acaso o surpreende novamente: ao ir arquivar este verbete, percebe que o nome estaria, pela ordem alfabética, perto do nome da desconhecida e, quando procura o verbete dela, não o encontra. Eliminando as poucas possibilidades que havia para explicar aquela ausência, percebe o óbvio: a mulher desconhecida estava morta.

2.5 Vida e morte, pertença.

por muito que me doa declará-lo e por escandaloso que vos pareça, o que as minhas reflexões vieram pôr em causa, [...] foi precisamente um dos aspectos fundamentais da tradição da Conservatória Geral, isto é, a distribuição espacial dos vivos e dos mortos, a sua separação obrigatória, não só em arquivos distintos como em diferentes áreas do edifício. [...] nunca eu teria chegado a compreender a dupla absurdidade que é separar os mortos dos vivos. Em primeiro lugar, é uma absurdidade do ponto de vista arquivístico, considerando que a maneira mais fácil de encontrar os mortos seria poder procurá-los onde se encontrassem os vivos, posto que a estes, por vivos serem, os temos permanente diante dos olhos,

mas em segundo lugar, é também uma absurdidade do ponto de vista memorístico, porque se os mortos não estiverem no meio dos vivos acabarão mais tarde ou mais cedo por ser esquecidos [...]

José Saramago

O discurso do Chefe da Conservatória de Registo Civil traz uma reflexão importante para esta obra, pois, ao se pensar o porquê da ideia de não mais separar os arquivos dos vivos e dos mortos, há margem para outras questões que conduzem ao exame da sutilidade que esse romance discute. A maior delas, pensando na lógica de conservação exposta pelo chefe, é a falta de sentido nesse hiato entre vivos e mortos, pois a vida pertence à morte assim como a morte pertence à vida. Se fosse possível separar a morte da vida ou vivos de mortos, seria possível falar-se a partir da morte, e fato é que: o que se sabe sobre a morte? Nada. O que se fala sobre os mortos é da ausência e da memória da vida daquela pessoa, é o que de concreto há; não existe nada a ser dito a partir da morte.

O Conservador entende que não há como delimitar um espaço para a morte. Ao construir seu raciocínio, ele lembra aos seus funcionários o caso de um pesquisador que foi procurar um verbete no arquivo dos mortos e só conseguiu sair de lá uma semana depois, já quase morto. Diante do fato, o chefe tomou a decisão do uso do fio de Ariadne. Guardando as ironias e metáforas, investigar a morte entendendo-a a partir de uma separação da vida traz essa “perdição”, afinal, para conhecê-la, só experimentando, e com isso, tornando-se ausência.

O segundo caso foi o daquele investigador que desapareceu no arquivo dos mortos e que só uma semana depois conseguimos descobrir, quase nas últimas, quando já havíamos perdido todas as esperanças de encontrá-lo vivo. [...] limitei-me a tomar as providências que se impunham, baixando uma ordem de serviço a determinar o uso obrigatório do fio de Ariadne, designação clássica e, se me permitem dizer irônica [...]. (SARAMAGO, 1997, p. 208)

Quando o foco, dessa ideia do chefe, sai dos limites dos arquivos e entra para vida no seu cotidiano, o que se percebe é que a separação simbólica que existe entre vivos e mortos é apenas por razões de higiene, de aproveitamento do espaço social e de questões que envolvem a morte, por isso os cemitérios. Porém, estes nada mais são do que espaços dedicados a uma memória de vida, pois não há o lugar dos mortos, mas daqueles que representam ausência, que são a própria ausência de vida. Quando

alguém vai a um cemitério para visitar um túmulo, no fundo, só pode e quer lembrar, recordar a vida daquela pessoa e sente, ali, a ausência da mesma. Ao perceber a falta do outro, compreende-se também a possibilidade de ausência de si mesmo.

tenho estado, unicamente, a falar de assuntos desta Conservatória Geral, e não do mundo exterior, onde, por razões atinentes à higiene física e à saúde mental dos vivos, se usa enterrar os mortos. Mas ousou dizer que precisamente esta mesma necessidade [...] deverá determinar que nós os da Conservatória Geral de Registo Civil, nós os que escrevemos e movemos os papéis da vida e da morte, reunamos em um só arquivo, a que passaremos a chamar simplesmente histórico, os mortos e os vivos, tornando-os inseparáveis neste lugar, já que lá fora a lei, o costume e o medo não consentem. (SARAMAGO, 1997, p. 209)

Essa é a questão que Saramago traz através discurso do chefe da Conservatória e o que a torna encantadora é vir paralela à descoberta feita pelo Sr. José de que a mulher desconhecida estava morta. Depois de duas semanas que este homem esteve doente, ao ir arquivar o verbete de alguém que nasceu, percebe que o nome estaria perto do nome da desconhecida e, quando procura o verbete dela e não o encontra, eliminando as poucas possibilidades que havia para explicar aquela ausência, percebe o óbvio. Mas, mesmo diante da morte, o Sr. José não perde o desejo de encontrar-se com a mulher desconhecida, pois o que sempre existiu e existirá é a vida dela. José vai percorrendo os caminhos que aquela mulher construiu socialmente até chegar à sua morte, ao cemitério, e sentir que a sua busca não terminou, pois, como já foi afirmado acima, a vida pertence à morte assim como a morte à vida. Por isso não há separação, o que se conhece sempre é essa conjugação. É isso que o romance *Todos os Nomes* aborda, quando se fala de todos os nomes, são todos: os ainda e os já não mais vivos. Nesse sentido, a ideia de que a morte marca uma divisão, um limite, o fim de uma etapa torna-se menor, pois o que está acima disso é a ausência, que não se percebe só no outro, que está morto, mas em cada um. Assim como a vida, a morte também é singular; cada ser tem a sua e cada uma é diferente da outra. Mas, o que se encara ou não se quer encarar é sempre a vida.

No final de seu discurso, o Chefe da Conservatória deixa claro o porquê dessa ideia ser revolucionária, mostrando que revolucionar não é modernizar a Conservatória, para isso, levaria vinte quatro horas; seria apenas uma questão de enchê-la de máquinas, mas a revolução está na forma de se pensar o que é o ser do homem; neste

sentido, o Sr. José e todos os nomes não são nem vivos nem mortos, mas singularidades.

2.6 Cemitério: o último lugar de busca (?)

Entra-se no cemitério por um edifício antigo cuja frente é irmã gêmea da fachada da Conservatória Geral do Registo Civil. [...] Do mesmo modo que todos os cemitérios deste ou de qualquer outro mundo, começou por ser uma coisinha minúscula, uma parcela breve de terreno na periferia do que ainda era um embrião de cidade, virado para o ar livre das campinas, mas depois, com o andar dos tempos [...] foi crescendo, crescendo, crescendo, até se tornar na necrópole imensa que é hoje.

José Saramago

Agora sim, chega o momento em que esse homem entra no cemitério por compreender que ele precisa continuar a sua busca. Embora tenha entendido que a morte da mulher desconhecida era irremediável, ainda lhe faltava uma questão, algo lhe incomodava por não acreditar que aquele fosse o fim. Para muitos, este é o local onde se encontra o ponto final, mas Saramago trata logo de deslocar essa pontuação ao descrever este lugar com um formato peculiar, pois não há muros ao redor do cemitério; o único limite estabelecido é a entrada. De modo que o lugar dos mortos se confunde com o lugar dos vivos, estabelece-se uma relação em espelho com as novas medidas arquivísticas da Conservatória de unir os verbetes de vivos e mortos. Na verdade, o Conservador se inspirou no cemitério que já tinha esse formato há algum tempo. Essa junção ganha o seu poder máximo, pois, desde de o início do romance, ela é descrita nas minúcias, é o Sr. José vivo que se mistura com a desconhecida morta, são os arquivos e agora a grande metrópole de vivos e mortos, sendo tudo uma coisa só; nada está desprendido.

A mulher desconhecida, agora em morte, revela cada vez mais vida ao José, pois não é a morte dela que ele vai encontrar naquele lugar, mas a morte que há dentro de si, descobrindo-se um ser completo e, portanto, singular, uma vez que, assim como a vida, a sua morte só a ele pertence. Por isso esse caminho, por isso essa necessidade de ir além do fim determinado. O que o Sr. José vai constatar no seu momento de maior vivacidade é que, ao contrário do fim que todos dizem ser a morte,

quanto mais ele busca conhecer a desconhecida, que é a morte para todos, mais ele faz uso do fio de Ariadne para estabelecer um caminho dentro desse labirinto cuja chegada é essa desconhecida. Ao percorrer as construções feitas por ela dentro da sociedade, percebe as suas próprias construções. Por isso, quando chega ao cemitério ainda não encontra a saída, há um muro do labirinto, terá que buscar mais, não há fim nessa busca, há vida.

3. A VIDA EM DOIS TEMPOS

Nenhuma época soube mais tantas e tão diversas coisas do homem como a nossa. Mas, em verdade, nunca se soube menos o que é o homem.

Martin Heidegger

Em *Intermitências da Morte*, no início da primeira parte, o autor apresenta um panorama geral da forma como a massa é impactada pela notícia da não-morte. Depois, aos poucos, Saramago mostra as formas de lucro que cada setor da sociedade construiu em cima da morte.

Caos. Medo. Milagre. Eternidade. Essas são palavras experimentadas pelo acaso em um país, após a virada de um ano, à meia-noite, em que ninguém morreu. Uma sociedade⁵ marcada pelo atraso e pela estática esperança de que algo chegue do mar, esse que tanta sorte já lhes trouxe, está agora diante do presente de não ter mais a vida como finita. Vindo ou não do mar, fato é que este presente vai trazer à tona as construções de uma estrutura de poder calcada na morte, morte esta tão bem controlada pelo Estado. No dia primeiro de janeiro de um ano qualquer, a morte daquele país decidiu não mais matar. Rescindiou o seu contrato com o Estado. É verdade que esta sociedade e morte descrita de forma bastante peculiar pelo autor, que faz suas críticas, não passam de um exemplo de um comportamento global e contemporâneo, pois cada momento histórico, cada Estado, cada poder vai introjetar em seus sujeitos um tipo de morte, um relacionar-se com a mesma, ou seja, aquilo que é dado como condição humana, um *a priori*, é re-configurado, construído e usado a favor de um poder e de um controle sobre corpos.

Saramago, logo no primeiro capítulo, narra a forma como esse acaso desestrutura os poderes. O Estado, logo atrás da imprensa, é o primeiro a pronunciar-se de maneira a acalmar os seus cidadãos frente ao caos que se instaurou, logo que todos daquele país perceberam a imortalidade do corpo. Era necessário ganhar tempo para de fato retomar o poder inevitavelmente abalado pela surpresa do acaso.

⁵ O autor não é discreto em levar o leitor a acreditar que este país seja Portugal, embora não afirme ao longo da obra.

O chefe do governo ratificava que não se haviam registado quaisquer defunções em todo o país desde o início do novo ano, pedia comedimento e sentido de responsabilidade nas avaliações e interpretações que do estranho facto viessem a ser elaboradas, lembrava que não deveria excluir-se a hipótese de se tratar de uma casualidade fortuita, de uma alteração cósmica meramente acidental e sem continuidade, [...]. Enunciadas estas vaguidades pseudocientíficas [...] o primeiro-ministro terminava afirmando que o governo se encontrava preparado para todas as eventualidades humanamente imagináveis, decidido a enfrentar com coragem e com o indispensável apoio da população os complexos problemas sociais, económicos, políticos e morais que a extinção definitiva da morte inevitavelmente suscitaria, [...]. Aceitaremos o repto da imortalidade do corpo, exclamou em tom arrebatado, se essa for a vontade de deus, a quem para todo o sempre agradeceremos, com nossas orações haver escolhido o bom povo desse país para seu instrumento. (SARAMAGO 2004, pg. 17)

Após o pronunciamento do governo, a primeira instituição a sentir-se em pleno caos, sem possibilidade de uma resposta imediata - logo ela que a tudo pretende responder - frente a esse acaso, apavora-se, pois a sorte lançada a colocou no seu já conhecido lugar da contradição. A Igreja não tem mais o que pregar, visto que a tão prometida vida eterna está agora a circular entre os reles (i)mortais sem que estes tenham que dar conta do quanto pecaram ou não para merecer tal dádiva. Ao acaso, a motivação de ir para o céu acaba com uma simples antecipação do prêmio. É o fim da Igreja que sempre autointitulou-se como o “único caminho” para se chegar a Deus. Toda a sua estrutura de poder está baseada em uma única promessa. Em nome dessa promessa, fiéis seguiam uma série de dogmas, acreditando que receberiam para isso a elevação da condição de efêmero a eterno. O desespero dessa instituição é tamanho que suplica ao Deus, que ela mesma instituiu como o Senhor da vida, que retorne imediatamente com a morte. Não apenas a morte, personagem da obra, é uma contratada do poder, mas também o próprio Deus, com a diferença de que este já é conhecido por todos.

sem morte não há ressurreição, e sem ressurreição não há Igreja, [...] além disso como lhe veio à cabeça que deus poderá querer o seu próprio fim, afirmá-lo é uma ideia absolutamente sacrílega, talvez a pior das blasfémias, Eminência, eu não disse que deus queria o seu próprio fim, De facto, por essas exactas palavras, não, mas admitiu a possibilidade de que a imortalidade do corpo resultasse da vontade de deus, não será preciso ser-se doutorado em lógica transcendental para perceber que quem diz uma cousa, diz outra, Eminência. (SARAMAGO 2004, pg. 18)

As figuras do Primeiro Ministro e a do Cardeal, representando o governo, e a Igreja estabelecem no romance o primeiro diálogo de medo frente à condução dos fatos

a partir dessa primeira intermitência da morte. Medo é um excelente sentimento para esse momento entre duas instituições que, através dos séculos, impunham-no à grande massa como forma de controle. Era necessário amedrontá-los para que a ordem pudesse existir. Mas, Saramago coloca uma pedra no caminho, constrói uma ironia nesse destino, já gasto, pois agora a morte, que sempre foi o ápice do amedrontamento, abala essas estruturas pelo seu exato oposto, *não-matar*. Desde que essas instituições se estruturaram, a morte tinha um lugar específico que não era o de um respeitoso mistério ou de ausência de uma resposta, de um silêncio. Não, o seu lugar era o castigo, a perda, a fatalidade, qualquer coisa que lembrasse um mal, algo que com toda força deveria ser evitado. Um instrumento desse tem muito poder, pois é a única certeza que qualquer humano pode ter. A morte é certa. O seu conhecimento é a principal razão de se ter o humano como racional. Logo, ela não poderia estar independente do Estado ou da Igreja, enquanto representações do poder, estes tinham que decifrar o enigma, dar uma resposta, não-calar e é assim que a morte com “m” minúsculo (v. cap. 4 p.88) nasce, como o mesmo “m” de medo.

tem razão, senhor filósofo, é para isso mesmo que nós existimos, para que as pessoas levem toda a vida com o medo pendurado ao pescoço e, chegada a sua hora, acolham a morte como uma libertação, O paraíso, Paraíso ou inferno, ou cousa nenhuma, o que se passe depois da morte importa-nos muito menos que o que geralmente se crê, a religião, senhor filósofo, é um assunto da terra, não tem nada que ver com o céu, Não foi o que nos habituaram a ouvir, Algo teríamos que dizer para torna atrativa a mercadoria, Isso quer dizer que em realidade não acreditam na vida eterna, Fazemos de conta. (SARAMAGO, 2004 pg. 36).

A morte encerra em si toda a ideia de finitude. Todo fim a tem como última explicação, mas, ao longo do diálogo entre o primeiro-ministro e o cardeal, o que se percebe é que, para eles, o fim acabou de chegar e está na vida. Essa, que sempre se apresentou transitória e indefesa, timidamente, ganha forças e tempo para estar à altura de seus supostos “inimigos”, agora sim parece que o embate é de igual para igual.

se me dá licença, ainda gostaria de lhe pôr uma breve questão, Diga, Que irá fazer a Igreja se nunca mais ninguém morrer, Nunca mais é demasiado tempo, mesmo tratando-se da morte, senhor primeiro-ministro, Creio que não me respondeu, eminência, Devolvo-lhe a pergunta, que vai fazer o estado se nunca mais ninguém morrer, O estado tentará sobreviver, ainda que eu muito duvide de que o venha a conseguir, mas a Igreja, A Igreja, senhor primeiro-ministro, habituou-se de tal maneira

às respostas eternas que não posso imaginá-las a dar outras [...], Que irá dizer o papa, Se eu o fosse, perdoe-me deus a estulta vaidade de pensar-me tal, mandaria pôr imediatamente em circulação uma nova tese, a da morte adiada, Sem mais explicações, À Igreja nunca se lhe pediu que explicasse fosse o que fosse, a nossa outra especialidade, além da balística, tem sido neutralizar pela fé, o espírito mais curioso, [...]. (SARAMAGO 2004, pg. 20)

Saramago chega ao máximo de sua ironia quando coloca que, durante a madrugada, após o fim desse diálogo, o cardeal foi levado para o hospital com uma apendicite aguda que o levou à cirurgia e, antes que pudesse sentir os efeitos da anestesia, pensou que não precisaria rezar, pois não morreria e veio-lhe a ideia de pedir que morresse para que pudesse, então, vencer a morte. Longas risadas poderiam ser dadas a partir dessa cena: o tão desprezível pecado, que é o suicídio, sendo teoricamente pedido por uma autoridade cristã que pretende vencer a morte usando-a, quando o absolutamente normal seria o contrário.

pensou o que tantos outros têm pensado, que poderia vir a morrer durante a operação, depois lembrou-se de que tal já não era possível, e finalmente, num último lampejo de lucidez, ainda lhe passou pela mente a ideia de que se , apesar de tudo, morresse mesmo, isso significaria que teria, paradoxalmente, vencido a morte. Arrebatado por uma irresistível ânsia sacrificial ia implorar a deus que o matasse [...]. (SARAMAGO 2004, PG. 21).

Não houve demora para que um certo otimismo tomasse conta das ruas, dos cidadãos daquele país, era inevitável não imaginar tal feito como um milagre. A vida sem os incômodos das ameaças metafísicas, a imortalidade reconhecida na vida de cada um. Aquela pátria enchia-se de entusiasmo diante de cada dia que se passava sem a insegurança de se o próximo viria; mesmo os mais pessimistas se viam sufocados em resistir a tanta alegria. Era uma nova vida, o autor narra um episódio que é uma ilustração caricata para esse efeito de paralisia e que facilmente é manobrado para uma alienação em massa, pois uma viúva, ao colocar a bandeira de seu país na varanda em homenagem a esse privilégio garantido, causou um efeito dominó: em menos de dois dias, todos estavam com suas bandeiras estampadas nas varandas e portas, os que não a colocavam eram vistos como ingratos, como não merecedores da vida. Tal gesto pontuava a necessidade simbólica de marcar esse momento único para aquela sociedade, afinal, o que é uma pátria sem seus símbolos estampados como forma de orgulho e imortalidade, imortalidade essa concretamente passeando entre os

escolhidos do globo para usufruí-la. Nada mais caricato como representação de uma nação que se sente poderosa. O poder precisa ser reconhecido e legitimado pela grande massa. Eis a saída para manobrar o des-controle causado pelo caos e pelo medo, entendê-lo como milagre, a partir daí é só reestruturar, pessoas 'alegres' estão abertas ao controle, é possível introjetar qualquer discurso e expulsar qualquer oposição. Há uma palavra que define bem esse momento: Fascismo⁶.

3.1 Não-morte/ não-lucro

[...] não tiveram [...] outra solução, [...] que unir-se à maré alta de alegria colectiva que alastrava de norte a sul de leste a oeste, refrescando as mentes temerosas e arrastando para longe da vista a longa sombra de tãatos. Com o passar dos dias, e vendo que ninguém morria, os pessimistas e o cépticos, aos poucos e poucos no princípio, depois em massa, foram-se juntando ao maré magnum de cidadãos que aproveitavam todas as ocasiões para sair à rua e proclamar, e gritar, que, agora sim, a vida é bela.

José Saramago

Claro que essa euforia era uma forma de distração da massa e que não atingia a todos por igual, afinal, a morte sempre fez parte do ser humano e, portanto, é necessária para ao equilíbrio, no que tange ao natural, e aos lucros, no que tange o poder. Por isso, Saramago dedica alguns capítulos para mostrar que havia quem tivesse motivos de sobra para chorar. As empresas de negócio funerário, por exemplo, viam a falência bater à porta de maneira brutal, vendo apenas a humilhante solução de pedir ao governo que impusesse como obrigatório o enterro e cemitério dos animais de estimação, esses que ainda continuavam a morrer, sem que isso lhes fizesse diferença.

⁶O Fascismo, movimento político e filosófico ou regime (...) que faz prevalecer os conceitos de nação e raça sobre os valores individuais e que é representado por um governo autocrático, centralizado na figura de um ditador (Houaiss)

Esta outra definição, fala claramente o que Saramago narra em outras palavras: A palavra *fascismo* com o tempo foi associada a qualquer sistema de governo que, de maneira semelhante ao de Benito Mussolini, exalta os homens e usa modernas técnicas de propaganda e censura, fazendo uma severa arregimentação econômica, social e cultural, sustentando-se no nacionalismo e em alguns casos até na xenofobia, privilegiando os nascidos no próprio país, apresentando uma certa apatia ou indiferença para com os imigrantes.

Trabalhadores da morte viam-se desesperados sem o justo salário por encará-la há tantos séculos.

Outro setor que rapidamente irá suplicar soluções governamentais é o hospitalar, a este lhes coube o impasse de estar com as enfermarias ainda mais lotadas de pacientes graves ou não, mas que, a contar do início daquele ano, não irão morrer ou restabelecer a saúde, manterão os seus estados de morte suspensa. Superlotadas e sem saída, essas redes hospitalares vislumbram uma única solução ratificada pelo ministro da saúde: após uma rigorosa avaliação, retornem os doentes para os seus lares; a eternidade é cara demais.

A eternidade, mesmo que a médio prazo, traria desestruturas também para os asilos que não comportariam as gerações de famílias inteiras envelhecendo um membro ao lado de outro, sendo a assistência dessas casas pouco eficaz, uma vez que seus empregados teriam que triplicar e envelheceriam junto com os seus clientes, sem contar que seriam em um número infinitamente menor do que a demanda de idosos em que o país se tornaria. Seria necessário, ainda que mais delicado, aplicar-se a mesma solução dos hospitais, cada família que se muna e se esforce com paciência para cuidar da sua terceira, quarta, quinta (...) idade.

A solução mais criativa para os anos eternos veio das empresas de seguro de vida. Essas, que juntamente com as funerárias, já viam a falência a beijar-lhes o rosto, recebendo cartas e mais cartas de rescisão de contrato por motivos mais que justificáveis. Na figura do presidente, os representantes das empresas, decidiram que de oitenta em oitenta anos seria decretada a morte figurada do cliente e o montante investido era devolvido ao mesmo que poderia renovar o contrato por mais oitenta anos. A eternidade, em seu antônimo, rapidamente trouxe solução à crise desse setor.

3.2 O novo - reforço de velhos paradigmas.

Nesse momento da obra, uma comissão interdisciplinar é criada para prever os problemas do futuro e apresentar soluções aos já existentes com a ausência da morte.

Evidentemente, *que* “antes a morte que tal sorte”. Mas para essa mesa foram chamados renomados representantes da Filosofia, tanto da ala pessimista quanto otimista, e da Igreja católica e protestantes. Saramago faz uma crítica dura à Filosofia e ainda mais à Igreja, que permanecem reforçando antigas formas de pensamento que já não dialogam diretamente com o novo, aprisionam-se e aprisionam as discussões em determinações canônicas. No romance, por exemplo, o autor denuncia um certo atraso dessas instituições na discussão do desejo da imortalidade do corpo. Ainda estão presos a velhas questões que já não atingem de forma incisiva o problema da finitude na contemporaneidade e dessa forma igualam as duas linhas de pensamento na dependência da morte para existir.

Quando os filósofos, divididos, como sempre, em pessimistas e otimistas, uns carrancudos outros risonhos, se dispunham a recomeçar pela milésima vez a cediça disputa do copo que não se sabe se está meio cheio ou meio vazio, a qual disputa, transferida para questão que ali os chamara, se reduziria no final, com toda a probabilidade, a um mero inventário das vantagens ou desvantagens de estar morto ou de viver para sempre, os delegados das religiões apresentaram-se formando uma frente unida comum com a qual aspiravam a estabelecer o debate no único terreno dialético que lhes interessava, isto é, a aceitação explícita de que a morte era absolutamente fundamental para a realização do reino de deus. (SARAMAGO, 2004 Pg. 35)

Essa comissão é representada por setores já gastos em tradicionalismo e que estão voltados para o tempo passado onde ninguém habita, logo o tempo presente não passa de uma repetição de velhas formas, portanto, também não habitável. Sobrou o por vir que um dos filósofos otimistas rapidamente concluiu ao pensar que não há nada a fazer, que o próprio futuro resolverá os problemas do futuro. O protestante resolve a questão da reunião da comissão por uma ironia ingrata, afirma que a tal já nasceu morta. Por fim, cada segmento estabelece o que fará dali em diante: à religião coube criar campanhas de rezas e orações para que a morte “suspensa” voltasse a trabalhar e aos filósofos, continuar a filosofar mesmo que fosse sobre o nada, mesmo que o mais velho deles tenha concluído que a Filosofia dependa tanto da morte quanto a Igreja, pois se filosofam é por saberem que morrem. Pensar é um exercício da finitude, pois essa impõe obstáculos aos que têm consciência dela, o único obstáculo não permitido é ausência da mesma. Obviamente que essa crítica de Saramago não se esgota aqui, *As intermitências da morte* prosseguem com sérias discussões sobre o problema da finitude na atualidade.

A ideia que traria alguma mudança àquele país não veio das elites pensantes, mas de pessoas humildes e diretamente ligadas à terra e à forma como teriam que dar conta do que representaria a ausência da morte para eles. A mudança veio dos camponeses que moravam próximos às fronteiras com os países limítrofes. Uma família pobre cujo mais ancião e o mais jovem, um bebê, estavam com suas vidas suspensas, recebiam a visita de um médico rural apenas uma vez por semana e esse já não podia fazer nada por aquelas vidas que a morte não levou, mas que também não tinham possibilidade de cura. O avô ansiava tanto a sua merecida morte que colocou sua filha e família numa escolha delicada, pois teve a ideia de pedir que o levassem à fronteira para que, do outro lado, em um outro país, pudesse ser acolhido pela morte de lá e, então, ser enterrado nessa outra terra.

A princípio, os membros da família ficaram confusos entre o orgulho e o temor dessa corajosa decisão do ancião, resistiram, mas, por fim, resolveram executá-la. Distantes da vida urbana e dos exercícios lógicos do funcionamento da cidade, esses camponeses em suas limitações, que eram de toda sorte, sem que pudessem prever muito além da realização de um desejo de um membro da família, apenas esperaram que a aldeia se recolhesse para dormir, a fim de não causar escândalos, e saíram madrugada a fora para a fronteira, onde testariam se lá o avô e o neto poderiam descansar em paz.

Um caminho regado a choro e tristeza, parte percorrido à carroça e outro a pé. Aconteceu o que era natural acontecer: até o início daquele ano, o avô e o bebê faleceram. A morte deles demarcou a linha imaginária da fronteira entre a vida suspensa e a morte e entre um país e outro. Os três integrantes daquela família que ficaram responsáveis por enterrar os defuntos, assim fizeram com alguma dificuldade por não terem muitos recursos além de uma pá e uma inchada, tomaram o cuidado de enterrá-los abraçados e próximos a uma árvore para poder levar-lhes flores depois.

A volta foi acompanhada de chuva e do inevitável, vizinhos curiosos que desejavam saber de onde voltava àquela hora aquela família. No outro dia, um vizinho mais atento tratou logo de tirar a dúvida, perguntou onde estavam o idoso e o bebê e, sem que a família pedisse segredo, o vizinho ficou sabendo de tudo. A primeira conclusão que tirou foi a mais óbvia: de que aquela família tinha matado aquelas

pessoas ao levá-las ao outro lado da fronteira, uma vez que, por si mesmas, não poderiam ir. Sentindo-se culpado, um dos membros da família resolveu ir à polícia entregar-se e pagar pelo crime que acreditava ter cometido, não foi preso, mas, em poucas horas, todo o país estava sabendo do crime cometido por aquela família. O moralismo ganhou força, não faltava quem chorasse pelo avô e pela criança como se pertencessem a todas as famílias daquele país. Os jornais acusavam a família de nomes terríveis, acreditava-se ser o fim dos valores familiares. Mas, como todo moralismo costuma ser falso, em menos de dois dias, não faltou quem repetisse o ato por todos os limites da fronteira.

Os países limítrofes queriam providências imediatas, o governo que, no fundo, não podia reclamar da situação por ver nela um pequeno alívio demográfico, teve que tomar medidas enérgicas contra esse ato “desumano” e apelar para o valor à vida e aos princípios morais. Colocou as forças armadas ao longo de toda a fronteira a fim de impedir a passagem de vidas terminais, fosse por vontade própria, fosse por decisão da família. Novamente os jornais que antes atacavam friamente aquela família de agricultores, agora denunciavam a hipocrisia de famílias decentes que se prestavam a atitudes antipatriotas como essas.

Outra medida tomada pelo governo foi colocar um espião, um vigilante em todas as localidades do país, cidades, vilas e aldeias, todos vigiados aos olhos do poder para que julgassem caso a caso quem ainda tentava levar clandestinamente alguma vida suspensa até o outro lado da fronteira. O plano funcionou por duas semanas, depois disso, os vigilantes passaram a receber ligações anônimas ameaçando-os de perderem a boa vida se não facilitassem a clandestinidade. Quatro vigilantes foram colocados em estado de morte suspensa, o que provocou uma demonstração enérgica de poder por parte do governo que intensificou a investigação de quem eram os anônimos e cessou de vez a permissão, antes avaliada por ele mesmo, da clandestinidade de não-mortos.

Saramago sutilmente coloca em cena as questões relacionadas ao corpo contemporâneo esteja ele doente ou não: até onde vai o controle do estado sobre esse corpo?; Que tipo de vida se quer preservar se o próprio estado não dá conta da assistência dessas vidas prolongadas?; Temas como a eutanásia, o envelhecimento

tardio, a indústria da “imortalidade” recebem fortes investimentos do ponto de vista científico e econômico, mas, do ponto de vista da ética, do social e do humano, são temas pouco trabalhados, como se isso não se tratasse já de um presente ou de um futuro próximo. Há um certo descaso e descrença nessas questões, pois, quando for realidade de fato, talvez seja tarde para pensar em palavras como ética, social e humano. Saramago em sua epígrafe deixa clara essa sua crítica: “saberemos cada vez menos o que é um ser humano” (Livro das Previsões).

3.3 Poder Paralelo

É chegado o momento de lucrar com essa morte que existe do outro lado da fronteira. Espertamente um grupo que se autointitulou *máphia* resolve fazer um acordo de cavalheiros com o governo a fim de tirar de circulação os vigilantes e cobrar pelo serviço sujo às famílias que desejam livrar-se de seus quase mortos, alegando que a cada dia quatro vigilantes seriam colocados em estado de coma se tais condições não fossem aceitas. Imediatamente o governo teve que recuar e apenas pôde negociar a sua imagem, afinal, não teria como explicar a retirada de tantos vigilantes da rua sem que a imprensa e a oposição questionassem as razões, que, obviamente, não poderiam tornar-se de conhecimento público. O acordo final era que os vigias continuassem, mas ficariam desativados para que a *máphia* pudesse agir e pelo menos trinta e cinco por cento dos desativados deveriam ser incorporados ao esquema da *máphia*. No tempo em que o governo se pôs a pensar, mais quatro vigilantes foram atacados.

trazia anexa uma proposta construtiva, estabeleçamos um acordo de cavalheiros, disse a voz do outro lado, o ministério manda retirar os vigilantes e nós encarregamo-nos de transportar discretamente os padecentes, Quem são vocês, perguntou o director de serviço que atendera a chamada, Apenas um grupo de pessoas amantes da ordem e da disciplina, gente altamente competente na sua especialidade, que detesta confusões e cumpre sempre o que promete, gente honesta, enfim, esse grupo tem nome, quis saber o funcionário, Há quem nos chame máphia [...] (SARAMAGO 2004, pg. 50).

A gênese da corrupção nos sistemas de segurança - o que no Brasil é chamado formação de milícias - está toda descrita nessas páginas que explicam o surgimento da *maphia*. O estado e as suas instituições formam um sistema sórdido de imposição de poder sobre os sujeitos que existem nessa sociedade. Esses não passam de mera massa de manobra de um complexo jogo de controle, cuja única certeza é que da base ao topo da pirâmide todos são descartáveis, pois fatalmente há alguém para substituí-los de acordo com interesses.

Ao criar um cenário narrativo, a princípio inimaginável, de suspensão da morte, Saramago abre espaço para fazer sérias denúncias aos tipos de controle e poder gerados pelas sociedades ocidentais modernas. O que se percebe é uma falta de saída para uma vida minimamente saudável em coletivo, haverá sempre uma forma de eleger um poder e este, irremediavelmente, exercerá esse tipo de controle.

Com toda a crise que o país sofria com a sua nova vida, adaptações com a imortalidade temporária, o que poderia ocorrer de ainda pior era um golpe militar. Os países limítrofes resolveram usar armas, a violência para deixar claro que queriam distância da loucura que aquele país vivia. A ordem era clara: após o terceiro aviso, tiro à queima roupa; estava estampada nos jornais internacionais mais essa crise diplomática. Os militares ganharam apoio popular ao retomarem às fronteiras a fim de enfrentar as tropas dos outros países. Não houve guerra, apenas porque a *maphia* soube negociar com a *maphia* dos tais países limítrofes e estabelecer o acordo de não mais enterrar em outro país, mas de apenas fazer a passagem para que a morte alcançasse aquelas vidas condenadas, sendo feito o enterro no próprio país de origem.

A vitória ainda não estava garantida para a *maphia*, pois as famílias começaram a sentir o incômodo de ter que justificar para vizinhos que o parente doente morreu da única maneira que era possível: clandestinamente. Havia remorso na forma como essas mortes eram conduzidas. A *maphia* resolve o problema mais uma vez, dando às famílias um atestado de óbito, no qual o motivo da morte era o suicídio.

Saramago evidencia a sujeira que envolve a origem das histórias de uma sociedade, que não tem a ver com um momento glorioso, mas com a sordidez das relações e diferenças humanas. Essa sociedade tem a oportunidade de recomeçar, há uma intermitência que abre espaço para a novidade, mas o que se vê é a repetição dos

mesmos valores, da mesma estrutura de poder e dominação. Com muita ironia, para amenizar, Saramago conduz o seu leitor ao esgotamento, pois a sua narrativa apresenta o retrato do que vem sendo a construção da história que se faz hoje, na qual o conhecimento dessas repulsivas estruturas não causa mais espanto. Vive-se em uma massa que apenas reage confirmando vazios, improvisações mal feitas por representantes que não estão preocupados em produzir memória, mas um ser aprisionado em discussões de falsos problemas. É uma pasteurização tão forte que qualquer pessoa é empurrada para fazer parte dessa massa que obrigatoriamente vai falar a mesma língua, vestir as mesmas roupas, ter os mesmos hábitos. A primeira palavra de ordem, que é tomada como crença, é a imposição da falta de escolha: não há saída.

O estado a que esse país chega remete ao mesmo caos da cegueira branca de outro romance de Saramago, *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), no qual a situação delicada em que aquele coletivo vivia, de estado de exceção, só aflorava a disputa por um novo líder desse tipo de poder que só quer assujeitar corpos. É uma cegueira que não quer ouvir algo que produza pensamento, uma aquietação de espírito, pelo contrário, apenas ouve comandos a fim de cumpri-los. Diante do acaso, do novo, ao invés de afirmar como necessário o risco, procura-se restabelecer as velhas formas. Foi assim com os cegos, é assim com os (i)mortais das intermitências da morte; todos precisam de uma finalidade, não há tempo para pensar nesse hiato, é necessário preenchê-lo a todo custo e, obviamente, será com as garantidas repetições.

Os personagens que procuravam uma fuga a essa realidade irrefutável não são mostrados nos primeiros momentos desses romances, é como se Saramago, a princípio, apresentasse uma visão aérea das sociedades, onde distinguir singularidades parecesse impossível ao primeiro olhar; seria necessário familiarizar-se com esse todo, percebê-lo como infrutífero, para, então, estranhá-lo. A partir desse estranhamento é possível uma aproximação em direção ao chão, onde se podem ver sutilezas, poucas e uma de cada vez, mas reais e com força.

Esses romances permitem uma viagem a esse olhar aéreo que é criado por um contexto fictício para depois sermos devolvidos, com toda força, à realidade do choque desses olhares: aéreo e superficial. Não morrer não é a questão, mas: por que até a

morte, inquestionável em seu papel, rever sua posição, quer escolhas e se humaniza nesse romance?

3.4 Dialética da Morte

Nem tudo foi tão sórdido neste país em que não se morre como o que acabou de ser relatado, nem em todas as parcelas de uma sociedade dividida entre a esperança de viver sempre e o temor de não morrer nunca (...). Apesar de tudo, apesar dos falsos suicidas e dos sujos negócios da fronteira, o espírito de aqui continuava a pairar sobre as águas (...) foi precisamente nesse momento revelador que ao aprendiz de filósofo se lhe apresentou, nítida e nua, a questão que iria dar origem à mais apaixonante e acesa polémica que se conhece de toda a história deste país em que não se morre.

José Saramago

O diálogo entre o espírito que paira sobre as águas do aquário e o aprendiz de filósofo revelará as possibilidades de se pensar o plural da morte, não apenas a morte com “m” minúsculo e suas irmãs, mas a grande morte. O raciocínio que o espírito irá buscar para pensá-las será a partir da ideia de transformação, de mudança, metamorfose.

A dialética, tal como está dicionarizada (HOUAISS,2009), tem seus significados a partir de alguns pensadores que a usaram para construir teorias e ideias até mesmo sobre a própria morte. A partir daí encontramos pelo menos cinco significados, além de seu sentido mais genérico de “oposição e conflito originado pela contradição entre princípios teóricos ou fenômenos empíricos.” (HOUAISS, 2009).

O primeiro deles está no platonismo que tomará a dialética como um processo de diálogo entre pessoas que assumem um compromisso com a busca da verdade, através da qual a alma se eleva do sensível à realidade inteligível ou ideal. No *aristotelismo*, essa será um raciocínio lógico que, ainda que seja coerente em seu encadeamento interno, está alicerçado em ideias apenas prováveis, e por isso traz em sua essência a possibilidade de ser refutada. Já no *kantismo*, será um raciocínio edificado em uma ilusão natural e indispensável da razão e que por isso permanecerá no pensamento, mesmo quando envolvido em contradições ou submetido à refutação. Por fim, no *hegelianismo* e no *marxismo*, este em uma visão semelhante à daquele, porém mais voltada para economia da história da humanidade, a dialética será a lei

que representa a realidade como um movimento contínuo e contraditório, concentrada em três momentos sucessivos (tese, antítese e síntese) que se manifestam simultaneamente em todos os pensamentos humanos e em todos os fenômenos do mundo material (HOUAISS, 2009).

O diálogo entre o aprendiz de filósofo e o espírito que paira sobre as águas começa de forma tradicional, com uma pergunta, uma questão: “Já pensaste se a morte será a mesma para todos os seres vivos, sejam eles animais, incluindo o ser humano, ou vegetais, será a mesma a morte que mata um homem que sabe que vai morrer e um cavalo que nunca saberá.”(SARAMAGO,2004,p. 72). Já há aqui a questão central do pensamento sobre a finitude que impreterivelmente tem sua gênese em se ter conhecimento da mesma e é este saber que delimita o olhar humano sobre a sua própria existência e a do todo. Esse olhar será sempre efêmero, fragmentado, tudo vai ser determinado por um tempo “x” de existência, mas também é esse mesmo olhar que permite o pensar e relativizar, tal qual esse diálogo, essa condição humana. Existe uma outra forma de ser que está fora dessa perspectiva e que a mesma identifica, que é o existir sem essa consciência de finitude, é a forma de ser do cavalo. Este vive sendo, sem saber se ainda será, logo não é possível que a mesma morte, que o mesmo sentido de fim atravesse da mesma maneira esses seres. Então, não existiria só uma morte (um fim) como o foco humano está condicionado a perceber, pois a necessidade de criar uma finalidade para as coisas é fruto do pensamento humano, não é em si uma verdade.

E tornou a perguntar, Em que momento morreu o bicho-da-seda depois de se ter fechado no casulo e posto a tranca à porta, como foi possível ter nascido a vida de uma da morte da outra, a vida da borboleta da morte da lagarta, e serem o mesmo diferentemente, ou não morreu o bicho da seda porque está vivo na borboleta. (SARAMAGO 2004, p. 72)

Antes de desenvolver essa segunda questão levantada pelo espírito, é preciso pensar quem é este espírito, este que nada mais é do que o próprio fluxo de ideias que alcançam o aprendiz de filósofo, ou seja, é ele mesmo em uma relação especular. Ele entra em circuito com essas ideias a partir dessa linha tênue entre o ar e a água, é nesse entre que o espírito que paira sobre as águas do aquário sai de dentro do aprendiz para voltar a ele sob um outro olhar. Trazendo, então, o lugar da

transformação e é desse lugar que o espírito quer pensar a morte, como a lagarta que se transforma na borboleta; uma morte dentro de uma próxima morte, um ser que se transforma em outra coisa que será um outro ser que se transformará em outra coisa. É um espírito que está para além de um início ou fim, mas que o aprendiz terá que dá uma finalidade a ele, transformando-o em coisa.

O aprendiz de filósofo respondeu, o bicho-da-seda não morreu, a borboleta é que morrerá, depois de desovar, Já o sabia eu antes que tu tivesses nascido, disse o espírito que paira sobre as águas do aquário, o bicho-da-seda não morreu, dentro do casulo não ficou nenhum cadáver depois de a borboleta ter saído, tu o disseste, um nasceu da morte do outro, Chama-se metamorfose, toda a gente sabe do que se trata (...). (SARAMAGO 2004, p. 72)

A conversa dos dois chega ao nível da palavra, pois o espírito coloca em questão a palavra *metamorfose* para pensar o quanto, através do nome que se dá às coisas, cria-se um distanciamento entre as palavras e as coisas. A abrangência de sentidos de algo morre dentro da palavra que o limitará a um ou poucos sentidos. Tal qual a lagarta pode ter seu fim ou transformação na borboleta, o homem tem sua transformação ou fim na morte. Em última análise, a *palavra* é a metáfora do pensamento humano, é ela quem dará finalidade e nome às coisas, é por meio dela que a metamorfose das coisas em outras coisas acontece.

Falávamos da morte, Não da morte, das mortes, perguntei por que razão não estão morrendo os seres humanos, e os outros animais, sim porque razão a não-morte de uns não é a não-morte de outros [...] serás tu capaz de reconhecer na morte dele aquela morte de que agora pareces a salvo, ignorando porquê, Antes, no tempo em que se morria, mas poucas vezes que me encontrei diante de pessoas que haviam falecido, nunca imaginei que a morte delas fosse a mesma de que um dia viria a morrer, Porque cada um de vós tem a sua própria morte [...]. (SARAMAGO 2004, p. 72 e 73).

Quando se abre o sentido das coisas para além da palavra, encontra-se a pluralidade e nela o outro, o verdadeiro outro e não o inventado a partir do que se pensa. Pois há uma relativização do pensamento, entendendo-o não mais como pertencente apenas a si mesmo, como se não fosse possível se enxergar para além de si e de finalidades, mas sim compreendendo a percepção de que a existência das coisas não cabe toda ela em um único olhar. O não-morrer daquele povo tornou possível a percepção desse saber, por isso todos continuam a morrer menos eles, cada um tem a sua morte. Agora é como se aquele povo pudesse experimentar a porção

animal deles, o não-saber o fim das coisas a partir de si, mas delas mesmas, pois continuam as suas existências de maneira independente ao que acontece aqueles que vivem, agora, a não-morte.

De certo modo, sim, Estás a contradizer-te, exclamou o aprendiz de filósofo, As mortes de cada um são mortes por assim dizer de vida limitada, subalternas, morrem com aquele a quem mataram, mas acima delas haverá outra morte maior, aquela que se ocupa do conjunto dos seres humanos desde do alvorecer da espécie, Há portanto uma hierarquia, Suponho que sim, E para os animais [...], o mesmo se passa com todos eles, Isto é, cada um com a sua morte própria, pessoal e intransmissível [...]. (SARAMAGO 2004, P. 73).

O espírito que paira sobre as águas finaliza a sua fala sobre a morte apontando uma contrariedade, pois ao mesmo tempo em que ele faz pensar uma abertura através da transformação na percepção do pensamento e na perspectiva humana a partir da morte, mostra em contrapartida que tudo se encerra na finitude, até ela mesma. A própria morte está assujeitada a viver dentro de cada ser e a encerrar-se junto com aquele que irá matar. Ou seja, é a partir de si mesmo que cada coisa se dá em sua finalidade.

Depois duas mortes gerais uma para cada reino da natureza, Exacto, E acaba-se aí a distribuição hierárquica das competências delegadas por tãatos, perguntou o aprendiz de filósofo, Até onde a minha imaginação consegue chegar, ainda vejo uma outra morte, a última a suprema, qual, Aquela que haverá de destruir o universo, essa que realmente merece o nome de morte, embora quando isso suceder já não se encontre ninguém aí para pronunciá-lo [...]. (SARAMAGO 2004, p. 73)

Finalmente, a conversa termina montando uma hierarquia para os tipos de morte existentes, primeiro a que mora dentro de cada um, depois a de cada reino animal e por último a soberana, a única que é exterior ao ser e a qual ninguém conhecerá. Essa é a única que merece o nome de morte, da maneira como se entende as outras, porque marcará a destruição de tudo. Mesmo buscando uma abertura, a dialética está enraizada na hierarquia do pensamento, apresentando assim a maior contradição da existência humana, que, mesmo buscando singularizar-se no *entre*, é obrigada a estar entre duas esferas, em uma dialética que contraditoriamente não tem fim.

3.5 Anúncio da morte

É chegado o ponto ápice do romance, o momento em que a própria morte irá humanizar-se e, portanto, expressar-se por meio da linguagem. Ao oferecer aos humanos desse país uma chance de sentir a vida para sempre ou experimentar a eternidade, a morte possibilitou-os uma porção daquilo que ela é e agora, por meio de uma carta, a mesma vai dar início à experiência de ser humana. Saramago desenvolve a partir desse ponto esse encontro radicalmente existencialista, no qual há uma fusão, sem uma delimitação clara, entre o humano e o eterno.

Desde do início do romance até esse momento, temos o humano e suas formas de controle buscando entender e organizar não mais a finitude, mas a vida que se apresentava sem opostos até então. Vida que só foi expressa pelo domínio do poder, esse, sim, deveria ser chamado de morte como a mesma é conhecida, pois só distribuiu medo e assujeitamento. Quem vai ousar perceber o verdadeiro poder da vida é a própria morte. É ela quem vai descobrir quem está vivo de fato.

A morte retorna as suas atividades normais não mais pela via do acaso e surpresa, mas através de uma carta lida pelo diretor da televisão nacional daquele país, que não deixa de ser uma das faces do centro do poder, pois detém a administração do meio de comunicação mais poderoso, aquele que de fato pode estar em todas as casas introjetando pensamentos e modos de vida através da maior arma existente nas sociedades atuais: a informação. Através da carta que foi lida no jornal das nove, o recado da morte era claro: a partir da meia-noite, toda morte suspensa e adiada será executada.

venho informar que a partir da meia-noite de hoje se voltará a morrer tal como sucedia, sem protestos notórios, desde o princípio dos tempos e até o dia trinta e um de dezembro do ano passado, devo explicar que a intenção que me levou a interromper a minha atividade, a parar de matar, a embainhar a emblemática gadanha que imaginativos pintores e gravadores doutro tempo me puseram na mão, foi oferecer a esses seres humanos que tanto me detestam uma pequena amostra do que para eles seria viver sempre, isto é, eternamente, [...] passado este período de alguns meses a que poderíamos chamar de prova de resistência ou de tempo gratuito e tendo em vista os lamentáveis resultados da experiência, tanto de um ponto de vista moral, isto é, filosófico, como de um ponto de vista pragmático, isto é, social, considereei que o melhor para as famílias e para a sociedade em seu conjunto, [...] seria vir a público reconhecer o equívoco de que sou responsável e anunciar o imediato regresso à normalidade [...]. (SARAMAGO, 2004 p. 99).

Esse intrigante personagem, a morte, nas últimas linhas de sua carta, revê sua conduta e resolve dar uma chance aos humanos, não mais se alia ao acaso, mas agora todos que forem morrer, a partir dali, receberão uma carta de cor violeta indicando que possuem apenas mais uma semana de vida para resolver pendências e então passados os sete dias teriam um encontro com o inevitável. Esse aviso prévio de cor violeta não é apenas um alerta, mas fundamentalmente uma possibilidade. Um tornar possível perceber o que durante uma vida toda se quer estar alheio: hoje sou, amanhã posso não ser. A afirmação do hoje atravessa o humano com angústia, talvez não porque o amanhã possa não existir, mas porque o hoje pode não estar sendo, pois o instante não pode ser tocado, mas é a única possibilidade de ser. O esquecimento de que a vida convive em espelho com a morte pode gerar uma existência medíocre que se entrega a toda sorte de poderes e a um existir a partir de uma carência tola, na qual o vazio da existência ou não do próximo instante é preenchido por desejos intencionalmente criados para assujeitar, revelando a verdadeira válvula do consumismo. A morte dá um presente ao entregar essa carta, possibilitando ao menos uma semana de vida intensa, de relativização das coisas, um questionar tantas certezas, por fim um xeque-mate no cinismo humano de entender a vida.

À meia-noite daquele dia, as milhares de pessoas que estavam atrasadas em suas mortes morreram no mesmo instante. Passaram sete meses⁷ acreditando que estavam condenadas àquela condição para sempre e agora avisadas do acaso não são mais nada, passeiam no vazio. A visão equivocada da eternidade gerada pelo esquecimento do real (vida e morte lado a lado) gera essa adaptação. Antes do dia primeiro daquele ano, todos acreditavam que morriam um dia, depois tomaram como crença viver para sempre. A protagonista de Saramago vem mostrar que não é nada disso, se há algo em que se deve crer é em ser e ser no tempo é poder viver no instante se possível com toda potencialidade para que não seja apenas um número estatístico dos mortos, mas sujeitos de memória.

As três horas que transcorreram entre o anúncio da carta no jornal e as badaladas da meia-noite foram marcadas pelo aturdimento e caos. As pessoas não sabiam o que pensar; era inexplicável como a própria finitude pudesse escrever uma

⁷ A referência de que se passaram sete meses está em: SARAMAGO 2004, p. 107

carta à mão, como todas as certezas daqueles meses foram derrubadas. As pessoas estavam cara a cara não com a crença da vida, mas com a própria vida. Em um só instante, todo aquele país foi colocado na autenticidade da vida, no lugar onde o ser escapa às determinações e caminha pela insegurança da liberdade irrefutável de entender o tempo a partir do instante, esse que não está na determinação das garantidas certezas, mas nas possibilidades que cada ser tem de ir até o limite daquele momento único e intransferível. A primeira intermitência da morte já deveria ter-lhes mostrado isso, mas foi preciso que ela retornasse às suas atividades para ser mais clara.

Uma morte intermitente evidencia um tempo que não para e que, portanto, é só presente. A morte, personagem de Saramago, mostra o acontecimento, como o filósofo Gilles Deleuze apresenta em *A Lógica do Sentido* (1982), esse que ocorre no *aion* que, por sua vez, não é nem passado, nem futuro, é ilimitado, uma partícula não apreensível do tempo. É no acontecimento que é possível visualizar o plural de singularidades e de perceber no próprio problema a gênese das soluções. Esse povo é, nessas três horas, atravessado por essas forças do ser e do tempo. É nessa caminhada de incertezas de algo que morre e renasce outra coisa, da própria morte que se interrompe e se reinventa que essa pequena parte do mundo experimenta o ser ao mesmo tempo e intensidade. Experimentar só é possível no singular, o singular só é visível no plural. Mais do que usar a linguagem através de cartas para dialogar com o humano, a morte quer ver-se no humano, quer entender porque tanta raiva depositada nela quando a mesma também é parte do humano e não pode ser esquecida ou negligenciada, pois se ela é problema também é solução, se é fim também é começo, se ela é morte também é vida.

3.6 Cínica normalidade

A segunda carta da morte apresenta uma resposta à tolice daquele povo em querer analisar e corrigir os erros ortográficos de sua escrita. Os especialistas,

perplexos, não podiam crer que logo ela, que já havia levado ao seu último instante tantos autores ilustres, tivesse cometido tantos erros. Mas de todos os erros, o imperdoável aos letrados era a assinatura com minúscula indicando substantivo comum e não próprio, era um absurdo. Ao ler isso em um jornal, a morte não pôde calar-se.

senhor director, escrevia, eu não sou a Morte, sou simplesmente morte, a Morte é uma cousa que aos senhores nem por sombra lhes pode passar pela cabeça o que seja, vossemecês, os seres humanos, só conhecem, tome nota o gramático de que eu também saberia pôr vós, os seres humanos, só conheceis esta pequena morte quotidiana que eu sou, esta que até mesmo nos piores desastres é incapaz de impedir que a vida continue, um dia virão a saber o que é a Morte com letra grande, nesse momento, se ela, improvavelmente, vos desse tempo para isso, perceberíeis a diferença real que há entre o relativo e o absoluto, entre o cheio e o vazio, entre o ainda ser e o não ser já [...]. (SARAMAGO 2004, p. 112)

Ao personificar-se novamente pela via da escrita, a personagem levanta outra questão, tentando estabelecer uma diferença entre o que nela há de comum e o que dela, sendo outra, é morte em si, apresentando também um contraste entre o cotidiano e o extraordinário. A morte à qual Saramago se dedica, enquanto personagem é apenas um elemento, uma travessia que há no cotidiano do humano e que trabalha para aquele, pois nada mais é do que a morte inventada e incorporada pelo mesmo. É no fundo apenas aquilo que se pode pensar da morte e se tal coisa é, ela não é outra coisa que não o comum, o já dito e normatizado por todos sobre ela. Mas a morte que Saramago está querendo discutir por via dessa comum é a própria, é a Morte grande, essa que tem o poder de apagar todas as coisas e de ser tão singular quanto é *ser* humano. Essa que sendo não é mais, que é intocável e que por isso habita o extraordinário.

A análise da carta não tem outro propósito que encontrar o lugar da morte, onde ela habita, a que corpo pertence, já que escreve, ainda que mal, para então iludir-se com a falsa impressão de controle sobre o mistério. Considerando que este é um texto contemporâneo é visível um paralelo com todo esse investimento na conservação do corpo jovem, de um corpo que seja condicionado a viver cada vez mais, que preencha os espaços onde é possível perceber os sinais de efemeridade, um “corpo-máquina” cujo último objetivo, se é que há, é o de ser ou existir. O plano é encontrar os sinais de morte para combatê-los e para não se reconhecer o humano. Este lugar do planeta escolhido por Saramago nunca esteve tão próximo do que a morte tem de potencial

para vida e desperdiça essa oportunidade, como era de se esperar, perdendo-se com falsas questões, pois estar atento ao que de fato acontece é exercício de raros. O retorno à suposta “normalidade” não tem outro objetivo que não a execução imediata de normas que tornam o cotidiano uma repetição assujeitante, pois, enquanto não se recebia aqui e ali a carta de cor violeta, o retorno à cínica normalidade era o destino daquela massa.

À meia-noite houve também quem quisesse comemorar os estranhos acontecimentos daquela terra, pois, para quem estava com os negócios à beira de um colapso, rever a morte era a luz no fim do túnel. Foi assim com os donos de hospitais, asilos, funerárias e até mesmo com a Igreja. Mesmo com a morte de milhares de pessoas, era impossível não festejar. Os setores que ainda tiveram que repensar uma estratégia para continuar extraindo muito dinheiro da população não tardaram nos planejamentos, foi o caso da *maphia*, agora com a volta à normalidade, essa retorna ainda mais fascista e cínica, pois o plano é proteger, cobrando valores altos, os cidadãos dela mesma, não há saída quando quem protege é o mesmo que elabora as regras. Há sujeiras que nem a própria morte pode mudar, pois a manutenção da dialética do assujeitamento praticamente existe sozinha, é fácil crer que a mesma é quase um *a priori* humano, tamanho o cinismo das relações humanas estabelecidas a partir do poder.

Quatro semanas adiantadas, por favor, Quatro semanas, o seu caso é dos urgentes, e, como já lhe tínhamos dito antes, custa dinheiro montar os operativos de protecção, Em numerário, cheque, Numerário, em cheques só para transacções doutro tipo e doutros montantes [...]. o gerente foi abrir o cofre, contou as notas e perguntou enquanto as entregava, Dão-me um recibo, um documento que me garanta a protecção, Nem recibo, nem garantia, terá que contentar-se com a nossa palavra de honra, De honra, Exatamente, de honra, não imagina até que ponto honramos a nossa palavra, onde poderei encontrá-los se tiver algum problema, Não se preocupe, nós encontraremos a si, (...). (SARAMAGO 2004, p. 119 e 120.).

3.7 A espada de Dâmocles⁸.

⁸ Dâmocles era um cortesão bastante bajulador na corte de Dionísio I de Siracusa - um tirano do século IV a.C. em Siracusa, Sicília. Ele dizia que, como um grande homem de poder e autoridade, Dionísio era verdadeiramente afortunado.

Encontrar a humana morte trouxe algum trabalho, pois foi necessário buscar na história faces que indicassem qual seria o rosto da morte, sua idade e seu sexo. O resultado se deu na procura de uma pessoa de trinta e seis anos e pertencente ao sexo feminino. Não faltou à polícia a prática de abuso de poder para “passar um pente fino” em todas as mulheres daquele país que estivessem nessa faixa etária, inclusive os arquivos de registro civil também foram rastreados; todos os dispositivos do Estado foram usados para essa procura, porém sem sucesso. A senhora Morte não foi encontrada, ela estava ocupada demais trabalhando nas estruturas da sua nova forma de relacionar-se com o humano. Após as milhares de pessoas que a morte levou de uma vez só, a mesma resolveu realizar a sua segunda intermitência, essa bem menor, apenas oito dias. Segurou um pouco a entrega das cartas de cor violeta para que a volta à normalidade não fosse marcada por mais um trauma. É estabelecida uma tensão: humana morte que busca a vida e humanos que desejam encontrar a morte. Algo como o próprio autor cita em seu texto ao falar da espada de Dâmocles, a morte, a partir desse ponto do romance, começa a trocar de lugar com os homens para que eles possam experimentar o poder enquanto ela experimenta a vida, já que essa parece absolutamente rejeitada pelos humanos. A maior questão levantada pelo autor talvez seja o que irá fazer o humano quando se ver debaixo da espada suspensa por um fio e perceber que a morte não quer e não irá trocar os lugares?

Aos poucos as cartas iam chegando aos seus destinatários e as reações eram diversas. Havia aqueles que resolviam aproveitar o resto de vida entregando-se a toda sorte de drogas e orgias até como forma de desafio à morte e aqueles que ainda nesse espírito tentavam suicidar-se. Mas não houve quem pudesse contrariar as palavras claras da morte em sua terceira carta, não mais divulgada via de imprensa, mas entregue de forma particular através dos correios: “caro senhor, lamento comunicar-lhe que a sua vida terminará no prazo irrevogável e improrrogável de uma semana,

Dionísio ofereceu-se para trocar de lugar com dâmocles por um dia, para que ele também pudesse sentir o gosto de toda esta sorte. À noite, um banquete foi realizado, onde Dâmocles adorou ser servido como um rei. Somente ao fim da refeição olhou para cima e percebeu uma espada afiada suspensa por um único fio de rabo de cavalo, suspensa diretamente sobre sua cabeça. Imediatamente perdeu o interesse pela excelente comida e pelos *belos rapazes* e abdicou de seu posto, dizendo que não queria mais ser tão afortunado.

aproveite o melhor que puder o tempo que lhe resta, sua atenta servidora, morte.” (SARAMAGO,2004, p. 125). Sem dúvida nenhuma, eis uma trabalhadora com o discurso exemplar de qualquer empresa, ou mesmo do estado que, se necessário for, introduz-se no lar do indivíduo para rescindir um contrato. A humana morte aprende o que há de pior no poder dos mortais humanos. Se trocássemos *caro senhor* por *prezado cliente* não haveria dúvidas de que se tratava de um acerto comercial. Essa é uma morte que conhece o linguajar contemporâneo, cujo cinismo e a frieza apontam a impessoalidade do poder.

Nesse enredo, o realmente inesperado é o fato de a morte também se ver sob a espada de Dâmocles; a morte, como narra Saramago, nunca conheceu o acaso, a ela sempre houve o abrigo da precisão. Seu nobre trabalho de estar presente no último instante de cada pessoa nunca falhou, mas agora que está descobrindo o seu lado humano, não pôde participar de um belíssimo banquete sem saber que há uma fina linha que segura uma espada sob a sua cabeça, experimentar o poder tem essa faceta, pois se é seduzido até o ponto de uma entrega para que, no momento que se deseje voltar, não haja volta. Até Jesus, para sair dos romanos, ícone das sociedades católicas e protestantes, pediu para que afastassem dele tal sorte com a célebre frase: “Se possível afasta de mim esse cálice.”⁹

Mas não é possível ser humano sem o imprevisível. Nada além do acaso, não há humano que não tenha que enfrentar esse digno adversário que encerra em si a pátria dos acontecimentos. Diante disso a morte não sabe o que fazer, pois, na sua nova forma de relacionar-se com os humanos, ao enviar uma carta de cor violeta para um homem de quarenta e nove anos que iria completar cinqüenta naquele dia, a carta voltou às mãos da morte.

O inesperado aconteceu, uma rotina foi quebrada, conseqüência comum a quem se permite experimentar, pois aquilo que escapa aos formatos já estabelecidos colocamos face a face com o novo. Essa outra face traz de imediato a reflexão. É necessário pensar o que fazer com o *extra-ordinário*, porque do ordinário, comum e cheio de normas, já se entende, mas o *extra-* não está previsto, não há uma norma *a priori* que o decodifique de imediato. Talvez as primeiras reflexões sejam sobre o esgotamento e o

⁹ Bíblia Sagrada. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. Lucas 22: 42.

tempo. Esgotamento porque, ao se ver o novo, percebe-se a gastura das repetições do comum, das garantias dadas e do controle absoluto das coisas, que, na verdade, está restrito aos mesmos acontecimentos. O que a morte controla é o que sempre aconteceu, nenhum *extra-* habita esse ordinário. Nessa medida é que se entende o poder, pois só se pode naquilo que já se conhece, portanto só temos controle sobre o que é ordinário. “Esgota-se” um tema para que haja a falsa impressão de que se sabe muito sobre aquilo, quando de fato o que se tem é o mesmo da mesma coisa, apenas com uma roupagem diferente.

Esse é um formato presente nas estruturas de poder atuais. Nunca houve tanta informação; a sensação gerada no ordinário é a de que parece não haver mais nada a saber, sabe-se muito, “tudo” e em tempo real. Alienação perfeita para se controlar corpos. A personagem morte, mesmo de diferentes formas, esteve sempre restrita a matar, nunca enxergou como possível o não-matar sem que isso lhe fosse um desejo. A questão dessa, que é a maior intermitência da “morte-humana”, é que este homem ela não tem o poder de matar, por isso não o controla.

A outra questão que a face do novo revela é o tempo; as expectativas que são geradas em torno do novo estão sempre ligadas ao porvir; o *extra-ordinário* não é esperado no presente. Não se tem no agora uma visão abrangente de possibilidades, esse está todo determinado pelas normas ordinárias e a mais perversa dessas ordens é condenar o extra-ordinário a estar fora do presente, pois dessa forma se restringe o olhar apenas ao porvir. O melhor do novo é que ele sempre esteve presente, apenas não se podia enxergá-lo ainda por tanta perda de tempo em cumprir um ordinário que não abriga o *extra-*.

3.8 Salas (d)e encontros

A protagonista dessa história, como apresenta Saramago, ao contrário do que pensam os humanos daquele lugar, não mora nos bairros daquela sociedade e nem habita todos os lugares como poderiam pensar os humanos que a lêem. A morte-

humana mora em uma sala fria e subterrânea que possui apenas uma misteriosa porta, os arquivos com todos os nomes das pessoas que ela irá matar e uma gadanha que é sua única companhia. É deste lugar que a morte envia suas cartas de cor violeta e é deste lugar que ela sai para conhecer quem a desafia com tanta audácia, quem nem mesmo leu a sua carta, tão clara em sua redação, para perceber o poder que ela tem. Aliás, um poder inquestionável, afinal, não se sabe onde ela mora, seu lugar é impreciso, justamente para que não venham lhe importunar com questões e reivindicações, mas, por outro lado, e não poderia ser diferente, ela sabe exatamente onde mora cada indivíduo daquela cidade.

Ao tomar forma humana, a morte se esforça para pertencer a um corpo só e a enxergar uma coisa de cada vez assim como os humanos, pois resolve invadir o apartamento de seu adversário durante a madrugada. Logo na entrada, na sala, ela tem o seu primeiro encontro com todo aquele mistério que envolve a sua busca pelo inesperado, encontra ali, no silêncio daquela hora, a presença da música e da literatura por toda parte. É na entrada que ela vai perceber, sem saber ainda, que há algo de diferente naquele homem, que há criações humanas realmente inspiradoras, há razões pelas quais vale à pena reduzir-se a ser humano. O violoncelista apareceu em sua vida para lhe mostrar isso, ela não resiste ao fascínio ao cair de joelhos em devoção a tanta magia em se ver diante de uma das criações daquele que é considerado por muitos o pai da música.¹⁰

Por um instante a morte soltou-se a si mesma, expandindo-se até às paredes, encheu o quarto todo e alongou-se como um fluido até à sala contígua, aí uma parte de si deteve-se a olhar o caderno que estava aberto sobre uma cadeira, era a suite número seis opus mil e doze em ré maior de johann sebastian bach composta em cothen e não precisou de ter aprendido música para saber que ela havia sido escrita, como a nona sinfonia de beethoven, na tonalidade da alegria, da unidade entre os homens, da amizade e do amor. Então aconteceu algo nunca visto, algo não imaginável, a morte deixou-se cair de joelhos, e pernas, e pés, e braços, e mãos, e uns ombros que tremiam não se sabe porquê, chorar não será, não se pode pedir tanto a quem sempre deixa um rasto de lágrimas por onde passa, mas nenhuma delas que seja a sua. Assim, como estava, nem visível nem invisível, em esqueleto nem mulher, levantou-se do chão como um sopro e entrou no quarto.[...] (SARAMAGO, 2005, p. 152 e 153)

Finalmente, a morte entra no quarto do violoncelista e o encontra dormindo alheio à presença dela e principalmente a tudo que envolve os motivos daquele

¹⁰ **Johann Sebastian Bach** (Eisenach, 21 de março de 1685 — Leipzig, 28 de julho de 1750)

encontro. Afinal, não poderia supor que, nos arquivos da morte, ele era único, pois contraria toda uma lei da natureza no que simplesmente deveria estar morto e não está, apenas dorme ao lado de seu cachorro. Isso só confirma que este encontro tinha que acontecer. Agora, a morte está sentada a examinar os detalhes da existência física da sua questão. Um ser que dorme tranqüilamente sem perceber a presença da morte em seu quarto, pois, talvez, a ele, ela não fosse uma questão, já que o que realmente o envolve está no calor de sua sala. À morte isso nunca aconteceu, não está acostumada a não ser reconhecida em seu poder e superioridade sobre os humanos.

Não há nenhum motivo razoável para que continue ali, mas imediatamente argumentou que sim, que há um motivo, e forte, porque esta é a única casa da cidade, do país, do mundo inteiro, em que existe uma pessoa que está a infringir a mais severa das leis da natureza, essa que tanto impõe a como a morte, que não te perguntou se querias viver, que não te perguntará se queres morrer já vem morto de antes, só precisa que eu o empurre de leve com o polegar ou lhe mande a carta de cor violeta que não se pode recusar. [...] porém ele não sabe que neste momento é como se fosse imortal porque esta morte que o olha não sabe como há-de matar. [...] Sentada no seu canto, a morte olhava. Muito mais tarde, o cão levantou-se do tapete e subiu par o sofá. Pela primeira vez na sua vida a morte soube o que era ter um cão no regaço. (SARAMAGO 2005, p. 153 e 154)

O violoncelista levanta durante a noite para tomar água, a morte o segue, tenta imaginar o que é ter sede, mas é alheia a essa sensação. Saramago narra um jogo de suspense e barreiras, não se sabe qual o próximo passo da morte, nem ela mesma sabe, pois apenas experimenta esse novo momento, este acontecimento, em que está em um território estranho, no lar do desconhecido que ela havia buscado. Há uma coisa que fica clara nesse encontro: a diferença entre a sala fria, na qual a morte existe, e a sala da casa onde o violoncelista mora, pois é descrito com sutilidade e delicadeza investigando e entregando-se aquele lugar. Isso se dá ao ponto de ela preferir passar a noite ali a voltar ao velho lugar de posições marcadas onde ela se percebe sempre a mesma coisa, exercendo sempre o mesmo papel nas mesmas cenas. Ali, na casa do violoncelista, ela estava sendo e percebendo-se outra com o outro, pois, por mais que ele estivesse alheio a ela, ele se apresenta com uma carga de igualdade de poder, não é a morte sozinha reconhecendo o quão poderosa ela é no seu mundo fechado, mas a morte com um outro que não a reconhece nesse poder, que nem mesmo sabe que não é afetado por esse poder.

3.9 A fala da gadanha

A morte voltou a sua sala fria disposta a resolver a sua questão de uma vez por todas: “O que iria fazer com aquele humano que, sem saber, tornara-se imortal?”. Nesse seu retorno ao lar, a morte é descrita como uma subordinada que, de maneira repetitiva, sempre cumpriu seu papel, tornando-se autoconfiante em seu trabalho, a senhora conhecedora de seus deveres. Porém, em suas execuções um imprevisto nunca esteve em pauta. Frente a este inesperado, ela não passa de uma pequena morte que não sabe o que fazer e nem mesmo sabe como consultar seus superiores para sair dessa situação; sentiu-se autônoma para suspender seus trabalhos no dia 1º de janeiro e inventar as cartas de cor violeta por considerar-se no controle da situação, mas, definitivamente, não é o caso desse novo acontecimento. Teve que consultar as normas das mortes pequenas para, enfim, perceber que tinha carta branca frente a essa situação.

Puseram-lhe o regulamento nas mãos, apontaram-lhe a palavra matarás como único farol das suas atividades futuras e sem que provavelmente se tivessem apercebido da macabra ironia, disseram-lhe que fosse à sua vida. E ela foi, julgando que, em caso de dúvida ou de algum improvável equívoco, sempre iria ter as costas quentes sempre haveria alguém, um chefe, um superior hierárquico, um guia espiritual, a quem pedir conselho e orientação. (SARAMAGO, 2005, p. 161)

A morte sempre se sentiu pequena por acreditar no poder maior da soberana morte, sem, na verdade, querer ver que sempre esteve só. Esta é a diferença no mundo das hierarquias e rivalidades: aquele que se sente menor por vezes toma o caminho de achar-se muito bom no que faz e tem como ambição apenas o lugar do melhor sem notar que o melhor muitas vezes, não está a olhá-lo e que as referências de melhor ou pior só aparecem diante de um desafio. A morte estava só na sua decisão, precisava agir e tomou o caminho do risco; a cada passo que dava estava mais próxima do acaso e, por tanto, da vida. Ao resolver retardar em um ano a vida do violoncelista, trocando as datas em seu verbete de nascimento, aquele, sem saber, não tinha mais cinquenta

anos, mas agora quarenta e nove. Até mesmo a sua gadanha que nunca falou resolve pronunciar-se e tentar impedi-la de seguir, assim, nessa total falta de regras.

A gadanha é um personagem que expressa as forças reativas (DELEUZE, s.d.) que não são capazes de enfrentar o novo e nem de estar à altura dele, mas no que têm de força tentam manipular para conservar velhos comportamentos e reforçar a condição de assujeitado naquele sobre o qual exercem seus poderes. Não havia que a morte pudesse prever na decisão que tomara e é exatamente nessa imprecisão que a gadanha ataca e usa a sua voz, quantas vezes a morte já havia pedido a sua opinião e a mesma não tinha nada a dizer (?), mas não pode calar-se frente à mudança, logo naquele momento em que a morte precisava de um apoio em sua nova ideia. Porém, para executá-la, teria que não ouvir a primeira vez em que a sua única companhia falou.

Não podes fazer isso, disse de lá a gadanha, Já está feito, Haverá conseqüências, uma só, Qual, A morte, enfim do, do maldito violoncelista que se anda a divertir à minha custa, Mas ele,coitado, ignora que já tenha de estar morto, Pra mim é como se o soubesse, Seja como for, não tens poder nem autoridade para emendar um verbete, [...] Não sabes no que te vais meter, avisou a gadanha [...]. (SARAMAGO, 2005, P. 164)

A gadanha talvez não falasse, talvez fosse a morte quem conversava sozinha em sua sala fria; através daquele objeto, ela criou para si algo que ela nunca teve em seu lar, um diálogo de oposição, dúvida. A morte estava quase um ser humano, apenas lhe faltava uma saída de si em direção ao outro para que não restassem dúvidas da sua transformação. O mapa para achar essa saída já existia; seria a busca de uma resposta a sua questão, isso que a inquieta e a tira e lhe devolve a si, a todo instante, a sua condição de pequena morte.

Mesmo a morte tendo o poder de estar em todos os lugares e, portanto, de ter entrado na casa do músico sem que este sequer percebesse a sua presença, mesmo seguindo-o por toda parte, pois esta é, apesar de viver por burocracias em uma sala fria, presença em todos os espaços e em cada ser humano. Ainda assim, esse violoncelista a desconhecia, ainda andava como o homem desconhecido da morte, não recebia suas cartas, não a percebia no mesmo ambiente. A morte revelava um certo prazer em cercá-lo, em conhecer a vida cotidiana dele, em estar presente sem estar,

por fim, em vigiá-lo. Usava todos os seus poderes para chegar ao desconhecido para só enfrentá-lo em um encontro e tornar-se conhecida dele quando a segurança necessária de um saber *a priori* do outro estivesse preenchida dentro dela. A “morte-humana” nunca se arriscava no limite dos acontecimentos, precisava cercar-se de alguma segurança para mesmo no novo exercer algum controle, algum pseudopoder sobre o outro, pois se mantinha em uma invisibilidade em relação a este, mas estando a vigiar tudo que pudesse sobre o mesmo. Afinal, ele guardava um mistério que ela queria enfrentar; a “morte-humana” se aproximava tanto dos afazeres do músico - seus ensaios, seus passeios aos domingos com o cachorro, sua relação íntima com a música e o tipo de literatura preferida - que percebeu na solidão daquele homem possibilidades e identificação. Aquele homem revelava a ela um estilo de vida que, embora fosse carente e solitário era rico em existência, diferente da sua própria solidão que não tinha consistência, apenas existia para marcar o fim de uma vida; ela era apenas morte em si. A indicação de que ela poderia ser *humana* e não apenas a “morte-humana” já aparecia desde de o primeiro capítulo desta narrativa, na sua primeira intermitência, na qual ela experimentou uma nova relação com o humano e entendeu que, para se transformar nessa relação, seria necessário enfrentar os olhos do poder, a sujeira das relações entre o humano e o capital para, enfim, pensar alguma singularidade em ser. Não há uma vitória ou derrota nesse enfrentamento, o que há é uma abertura do tamanho de uma pequena rachadura, por onde escapa o ser que pode percebe-se para além do que se reduzia, enxergando os possíveis.

Vida e morte encontram-se em uma linha tênue e nesse lugar se misturam e são ao mesmo tempo uma troca de lugares e uma coisa só. É nesse encostar-se, em que nada se diferencia entre metafísico e físico, que o existir ganha em potencialidade. O ser morte e morte-humana caminham juntos como um casal a celebrar a existência. Mas, para alcançar esse lugar, é preciso enfrentar o medo de se desvencilhar de velhos controles que podem limitar e até mesmo impedir a chegada ou ao menos a visão desse lugar, que sempre pertenceu ao humano, mas que esse, desde a sua infância, passa a não acreditar na capacidade que tem de alcançá-lo. Esse é o mistério do personagem morte de Saramago, esse personagem que já vem carregado com tantos significados e interpretações que o afastam desse acontecimento. A morte ainda está

invisível, não sabe que quer revelar-se ao desconhecido, mas sabe que àquela sala fria e àquele não-existir não pertence mais.

3.10 Abrir a porta - vida que se vê (des)trancada

A morte, ao decidir-se encontrar pessoalmente com o violoncelista para entregar a carta de cor violeta, resolveu passar pela única porta que tinha naquela sala fria onde morava com a gadanha, uma porta nunca antes usada. Uma porta fechada que talvez indicasse o único sinal de vida daquele lugar, pois, talvez, ali, a morte tivesse escolhido guardar as possibilidades. A própria gadanha sentiu sinais de vida em seu corpo ao ver que sua companheira passara por aquela porta. O poder de enxergar os possíveis de uma existência já adaptada a uma rotina de repetição de práticas e pensamentos não é mensurável, do que é possível notar, apenas os seus efeitos são visíveis. A questão ignorada por se trancar as possibilidades é ter a ilusão de que essas podem estar à disposição a qualquer momento de quem a queira usar, porém, gradativamente, o encontro com esses possíveis vai sendo adiado por se carregar essa certeza, até ao ponto de criar o falso pensamento de que pode ser desnecessário abrir a porta às possibilidades, uma vez que se pode apenas ter a contemplação das mesmas e não um experimentar.

A morte, quando retornou à sala fria, não ra mais apenas um esqueleto envolto em um pano qualquer, ela era uma mulher de trinta e seis anos. Ela saiu outra ao se permitir abrir a porta. Agora era uma humana na aparência e não era qualquer humana, pois assim era com a consciência de também ser morte. Uma mulher não apenas disposta a lograr o seu objetivo, mas a seduzi-lo. Pois, afinal, tratava-se de uma morte que pertencia ao sexo feminino, cujo poder perpassa pela lógica da sedução e do encantamento; ela não permitiria que o músico resistisse ao canto da sereia¹¹. Quantas mudanças essa “mulher-morte” já incorporou à sua existência para estar à altura dos

¹¹ Referência ao momento em que Ulisses não resiste em ouvir o canto das sereias, embora tenha impedido que seus companheiros pudessem ouvi-lo.

acontecimentos que lhe surgiram, mas, afinal, diante do poderoso mistério que a não-morte desse violoncelista encerra, a morte descobre sua vida. O dualismo homem/mulher e vida/ morte finalmente irão entrelaçar-se em um poderoso jogo de sedução.

é aqui que o violoncelista mora e aquele é o rés-do-chão em que vive. À pareceu-lhe sentir um brusco aperto no plexo solar, uma agitação súbita dos nervos podia ser frêmito do caçador ao avistar a presa, quando a tem na mira da espingarda, podia ser uma espécie de obscuro temor, como se começasse a ter medo de si mesma. (SARAMAGO, 2004, p. 188)

O único plano da morte era entregar pessoalmente a carta ao músico, porém não contou que o acaso lhe daria um presente, um encontro que revelaria todo o potencial da morte e da vida unidas na relação com outro, morte e violoncelista rendidos ao reconhecimento de si a partir de uma aproximação alegre.

Saramago narra esse encontro estabelecendo a tensão que existe entre duas pessoas que sabem que há algo além acontecendo, mas que são incapazes de se tocar, cada um preso em suas salas frias e solitárias. Não fosse o poder da música, único instrumento de ligação voluntária entre os dois, talvez esse gesto de encontro não acontecesse, pois, em seu lugar, haveria apenas a disputa de quem resiste mais ao outro, afinal, manter-se no mesmo lugar é a melhor forma de deixar predominar as forças reativas para, confortavelmente não enfrentar o risco. É preciso um certo olhar de ruptura para que algo novo aconteça não apenas dentro de si, mas no entre que surge do embate de duas pessoas. Até as últimas linhas do romance é impossível saber o que a morte fará, apesar de desejar tanto quanto o violoncelista, que com palavras revela a sua paixão. Esse encontro torna-se peculiar, pois, para ela, seria com a vida e, para ele, com a morte. Ambos desconhecem o que cada um representa ao outro, mas é nesse não saber que nasce o amor. Exatamente como no Banquete de Platão quando Sócrates conta o mito do amor (PLATÃO, 2005, 3ªed), esse que existe de forma intermediária entre dois pólos. Esse que tudo tem e de tudo carece. A mulher resiste o quanto pode a esse sentimento, pois a solidão sempre lhe acompanhou, mas o músico queria mais, pois a falta lhe é algo presente. Ambos possuem noções de tempo diferentes: a morte tinha a eternidade de garantia; o músico tinha os intervalos, entre uma nota e outra tudo poderia mudar, teria que dar tudo de si em cada nota para que os intervalos não o impedissem de viver até ao limite daquele instante.

há poucas cousas que eu não sabia de si, por favor, não regressemos às absurdas conversas que tivemos na quinta-feira à porta do teatro e depois ao telefone, não sabe nada de mim, nunca, no tínhamos visto antes, Lembre-se de que estive no ensaio, E não compreendo como consegui, o maestro é muito rigoroso com a presença de estranhos, e agora não me venha para cá com a história de que também o conhece a ele, Não tanto como a si, mas você é uma exceção, Melhor que não o fosse, Porquê, Quer que lho diga, quer mesmo q lho diga, perguntou o violoncelista com uma veemência que roçava o desespero, Quero, Porque me apaixonei por uma mulher de quem não sei nada, que anda a divertir-se à minha custa, que irá amanhã sei lá pra onde e que não voltarei a ver, É hoje que partirei, não amanhã, Mais essa, E não é verdade que tenha andado a divertir-me à sua custa, Pois se não anda, imita muito bem, Quanto a ter-se apaixonado por mim, não espere que lhe responda, há certas palavras que estão proibidas na minha boca, Mais um mistério, e não será o último, [...]. Nunca lhe toquei, murmurou, Fui eu que nunca quis que me tocasse, Como o consegui, Para mim não é difícil, nem sequer agora, Nem sequer agora, Ao menos um aperto de mão, Tenho as mãos frias. O violoncelista ergueu a cabeça. A mulher já não estava ali. (SARAMAGO 2005, p. 204 e 205).

Uma morte, que antes nem se pronunciava e depois passou a mandar cartas, e agora sorria e conversava como uma humana. Ela agora tinha a chance de tornar o músico alguém eterno, pois tinha nas mãos a carta que poderia escolher destruí-la ou entregá-la ao seu amor e, com isso, perdê-lo. Pela primeira vez não sabia o que fazer: queria manter seu *status* e a sua posição, mas via também que, em toda a sua existência, nunca teve e não teria outra oportunidade de arriscar-se a viver.

4. SR. JOSÉ E A MORTE – UMA RELAÇÃO EM ESPELHO.

No presente trabalho dois romances foram analisados a partir da perspectiva de poder e morte, nos quais a morte foi privilegiada em relação ao poder, pois tanto em *As Intermittências da Morte* quanto em *Todos os Nomes* os personagens, com a ajuda do acaso, travam uma luta pela liberdade de ir além dos comandos introjetados pelos diferentes tipos de poder que atravessam um ser. Liberdade essa não a revolucionária e coberta de efeitos especiais, popularizada pelo lugar comum, mas aquela capaz de transformar as pequenas coisas do cotidiano, de questionar a repetição e de permitir um segundo olhar sobre os acontecimentos. Um olhar que, primeiramente, é estranho ao *ser*, mas que depois se revela acolhedor, entendendo que tal estranheza também pertence ao mesmo, tornando esse *ser* próximo do estar sendo no tempo algo que só ele tem o poder de (re-)conhecer.

A princípio Sr. José e a Morte estavam separados daquilo que podiam, limitados em suas ações, José apenas preenchia e arquivava documentos de vivos e mortos; a morte apenas fazia a passagem dos vivos para mortos. Eram exemplares no que faziam, pois em suas existências deixaram-se reduzir a apenas isso, tornaram-se invisíveis a si mesmos e aos olhos dos outros. Aliás, a relação com os outros praticamente não havia nessa forma diminuta de existir, o Sr. José tinha como companheiro de conversa um teto e a morte uma gadanha. É na solidão e no meio de pensamentos rígidos e imponentes, que os condicionaram a um 'não-existir', que esses dois personagens rompem com as suas limitações através de alguns encontros. O primeiro com o acaso, depois com o outro e por fim, o mais poderoso deles: consigo mesmo.

É a partir do prefixo *re-* da palavra re-conhecer e também da palavra encontro que será analisado o final desses romances e a proposta de entrelaçá-los no que eles têm de mais comum: a busca pelo desconhecido.

4.1 Final de busca (?) – na casa da desconhecida.

José já havia percorrido todos os caminhos institucionais por onde a mulher desconhecida passara, já sabia que o seu desejo obstinado de encontrá-la, de alguma forma, teria que chegar ao fim, pois essa mulher havia se suicidado. Mas, ainda assim, era maior nele a vontade de continuar; precisava de um encontro com o particular daquela desconhecida, queria buscar e entender porque uma pessoa, aparentemente tão querida e aceita nas instituições por onde passou, resolveu entregar-se a morte dessa maneira. Uma jovem que veio de boa família, era boa estudante, boa profissional, casou-se, divorciou-se e agora está morta por escolha. Há algo nessa vida que o Sr. José não encontraria nesse universo institucional. Há outras forças que interagem em um ser que esse homem fingia ignorar.

Ele Havia amarrado bem o fio de Ariadne, mas ainda não tinha encontrado o centro do labirinto e o enfrentamento que aquele lugar lhe guardava. Ele precisava ir ao apartamento da desconhecida.

tinha medo, não lhe perguntemos de quê, esta contradição é das que estão mais à vista, o Sr. José quer e não quer, deseja e teme o que deseja, toda a sua vida tem sido assim. Agora, para ganhar tempo, para adiar o que sabe ser inevitável, achou que primeiro há-de almoçar, [...]. (SARAMAGO 1997, p.268)

Era difícil para José passar por mais essa porta, acolher mais uma porção daquela mulher, mas ele precisava encontrar os restos da desconhecida. Fez de tudo para não ser percebido e ao entrar na casa vazia teve um encontro com a ausência, não a da desconhecida, mas de respostas. Percorreu todo o apartamento, sentou no sofá e ficou a se observar frente àquele não estar que predominava naquele local, como se ele mesmo não estivesse em si, como se aquilo que quisesse alcançar da desconhecida não pudesse achar semelhante nem mesmo dentro dele. É o (re-)conhecer de uma partícula do ser enfraquecida pelos registros civis.

Foi aqui que viveu uma mulher que se suicidou por motivos desconhecidos, que havia estado casada e se divorciou, que poderia ter ido morar com os pais depois do divórcio, mas que preferiu continuar sozinho, uma mulher que como todas foi menina e rapariga, mas que já nesse tempo, de uma certa e indefinida maneira, era a mulher que veio a ser, uma professora de matemática que teve o seu nome de viva no Registro Civil juntamente com os nomes de todas as pessoas vivas desta cidade, uma mulher cujo nome de morta voltou ao mundo vivo porque este Sr. José o foi resgatar ao mundo morto, apenas o nome, não ela, que não poderia um auxiliar de escrita tanto. (SARAMAGO 1997, p. 270 e 271)

É com a vida e a morte daquela mulher que o Sr. José se encontra, pois a ausência só pode ser re-conhecida quando ali houve algo e já não há mais, “hoje sou, amanhã posso não ser”. É isso que, ao olhar-se, o protagonista dessa história percebe, é no prefixo re-, na ideia de um movimento para trás que o José sutilmente (re-)conhece a sua existência, a qual esteve separado ao longo de uma caminhada entre os poderes institucionais, no qual a ordem e a subalternidade são as únicas formas de conhecimento. Quem dá o seu devido reconhecimento, ali, não é outro se não ele mesmo.

O Sr. José, ao resgatar o verbete da mulher desconhecida da ala dos mortos, tira-a dessa dicotomia para afirmá-la em sua singularidade. Ele invade o apartamento daquela mulher para entrar no privado do outro. Sem perceber, ele vai percorrer até onde o poder se introduz no ser; exatamente onde ele não consegue tocar a desconhecida é que a mesma existe em potencialidade, pois a razão que a fez escolher a morte e ser toda ausência é algo que só a ela pertence, o Sr. José nunca saberá. Mas sabe que, em “todos os nomes”, há uma busca pelo desconhecido e que essa busca é perigosa, pois potencializa o ser e nessa medida os poderes irão intervir para separar o ser daquilo que ele pode. O Sr. José acha uma porta de saída da morte que o encerrava em todos aqueles controles, e, enfim, encontra a vida no recado que a escolha da desconhecida deixa para ele: “Conheces o nome que te deram, não conheces o nome que tens” (Livro das Evidências). Pois afinal, conhecer o nome que tens implica a angustia de ter que fazer escolhas.

O Sr. José decide que está por tudo, que o podem demitir se quiserem, expulsá-lo do funcionalismo, talvez o pastor de ovelhas precise de um ajudante para trocar os números das campas, sobretudo se anda a pensar em alargar o seu campo de atividade, de facto não há motivo para ficar limitado aos suicidas, no fim de contas os mortos são iguais, o que é possível fazer com uns pode ser feito com todos, confundilos, misturá-los, tanto faz, o mundo não tem sentido. (SARAMAGO 2005, p. 274).

4.2 Em espelho – última cena

O Sr. José invade a casa da mulher desconhecida para conhecer a sua intimidade e, ao chegar em casa, percebe que também foi invadido: seu chefe está a sua espera, dentro de seu próprio particular. Não entende o que o chefe está fazendo em sua casa; por mais que não tivesse ido ao trabalho, não justificava tal invasão, mas, para todos os casos, era o verdadeiro dono da Conservatória Geral de Registro Civil que estava ali. Ele, sim, tinha o direito de entrar onde quisesse nesse lugar em que habitam vivos e mortos. O chefe da Conservatória nada mais é do que o soberano daquele lugar e está na intimidade do Sr. José porque reconheceu na loucura da busca existencial dele uma forma de poder e, portanto, de controle bem mais avançada do que a que se exercia naquele prédio, afinal, “por que não vigiar as micro-histórias (?) e perceber até onde pode o estado (?)”

O Sr. José reparou que em cima dos verbetes escolares havia uma chave igual à sua. Está a olhar para a chave, perguntou o conservador, e calmamente prosseguiu, Não pense que se trata de uma cópia fraudulenta, as casas dos funcionários, quando as havia, sempre tiveram duas chaves de comunicação interna, uma claro está, que era para uso próprio, outra que ficava em poder da Conservatória, tudo se harmoniza, como vê, Excepto ter entrado aqui sem minha autorização, conseguiu dizer o Sr. José, Não precisava dela, o dono da chave é o dono da casa, digamos que ambos somos donos desta casa, tal como você parece ter-se considerado dono bastante da Conservatória para distrair documentos oficiais do arquivo, Posso explicar, Não é preciso, tenho seguido regularmente as suas atividades, além disso o seu caderno de apontamentos foi-me de grande ajuda, (...), Amanhã apresentarei a minha demissão, Que eu não aceitarei. O sr. José olhou surpreso, não aceitará, Não senhor, Não aceitarei, Porquê, se posso perguntar, Pode, uma vez que estou prestes a tornar-me em cúmplice das suas irregulares acções, Não compreendo. O conservador pegou no processo da mulher desconhecida, depois disse, já vai compreender, (...). (SARAMAGO 1997, p. 276 e 277)

O Sr. José, ainda em seu devaneio e encontro com uma certa liberdade, é incorporado à lógica do poder. Conhecia bem os espaços de um subalterno e pôde ver uma pequena brecha onde o mesmo falhava. José, ao enfrentar as abstrações da ordem e passar pela porta proibida, passa a agir como o próprio olho do poder e empiricamente testa até que ponto é possível controlar os saberes de um ser através do dispositivo de poder que era o verbete. Constatou que não se sabe nada sobre os seres do reino da Conservatória cujo único domínio são nomes próprios. Mas, o que não esperava era que também estava sendo vigiado em suas ações. Seu chefe percebeu uma lógica em seus feitos. Afinal como afirma Foucault (1997, p. 120), “A disciplina é uma anatomia política do detalhe”.

Todos os Nomes é um romance em que Saramago trabalha essa convivência quase que inseparável de forças de um certo existencialismo e o poder que se exercem em um corpo, no último, sobretudo o que Foucault apresenta sobre a transição de uma sociedade de soberania à disciplinar.

O protagonista de *Todos os Nomes* é, sem dúvida nenhuma, um corpo dócil, disciplinado e submetido a cumprir com louvor a sua função. Reconhece no seu chefe, o conservador, o senhor, este que sabe de todas as coisas, pois aquele foi adestrado de tal forma que a única maneira de entender o mundo é a partir da Conservatória, a qual resume, portanto, todos os seus saberes. Foucault quando fala dos corpos dóceis em *Vigiar e Punir* apresenta toda uma rigidez que o poder tem em disciplinar através de exercícios em exaustão o controle sobre os corpos, controle esse que habita os mínimos detalhes no espaço, tempo e movimento do mesmo. Dessa maneira, há, respectivamente, um Sr. José que mora numa casa anexa ao prédio da Conservatória, que, em seu tempo vago, possui um *hobby* que é colecionar informações sobre celebridades cujo verbete está em seu trabalho, e que, mesmo tendo fobia de altura, faz todos os arquivos necessários nas estantes mais altas da Conservatória, disfarçando com movimentos impecáveis toda a sua ojeriza. É um ser que se perde nas coerções de um poder que o transforma em corpo-máquina.

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ele procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. (Foucault, 1975, 35. Ed. 2008, p. 119)

José, ao passar pela porta proibida, faz também a passagem da soberania ao disciplinar, pois resolve vigiar a vida daquelas pessoas em seus mínimos detalhes. Quer começar pelos nomes e o acaso dar-lhe a possibilidade de conhecer as minúcias de uma mulher desconhecida, a quais dispositivos de poder aquele corpo estava submetido, tanto naquilo que estava ao alcance do Estado como nas relações pessoais. Ele percebe que não é mais a Conservatória o foco para onde os olhares do poder devem convergir, mas para as micro-histórias, tanto que o que lhe chama a atenção, em um primeiro plano, é a vida dos famosos, completamente exposta na imprensa.

Depois, com a desconhecida, José passa a entrar na intimidade das pessoas através de uma credencial do Estado, a vida pública e privada se encaixam em novas formas de convivência, pois, a partir de agora, há a percepção do poder que há em todos terem seus comportamentos vigiados o tempo todo.

Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico. (FOUCAULT, 1975, 35. Ed. 2008, p. 123)

O chefe do Sr. José o quer por perto, não porque tivesse pena desse homem, mas porque, ao vigiar a vida dele, percebeu a escrita e a genialidade das ações daquele senhor, uma vez que o mesmo trouxe um pensamento moderno ao trabalho da Conservatória. Sem saber, José percorreu os labirintos da existência e, de fato tornou-se o Senhor daquele lugar, de onde ele acreditava existir tanto poder, mas, mais que isso, ele pode questionar a sua história e com isso também se transformar em senhor de si. Não era mais um simples operário, era alguém que se arriscava. O seu encontro mais poderoso foi com a morte da desconhecida, a desconhecida morte revelou-lhe quanta ausência habita em um ser que está presente só para servir. Por isso, quando retorna a sua casa, já se sente desapegado de tudo, percebe que pode (re-)fazer a sua trajetória, que é poderoso, pois potencializou-se. Começou o seu dia faltando o trabalho e terminou não mais dependente dele e sendo reconhecido naquilo que fazia. Percebeu o exato sentido da frase de Cecília Meireles, “também é ser deixar de ser assim”.

O conservador levantou-se, Deixo-lhe aqui a chave, não tenciono voltar a usá-la, e acrescentou sem dar tempo a que o Sr. José falasse, Há ainda uma última questão a resolver, qual, senhor, No processo da sua mulher desconhecida falta o certificado do óbito, Não consegui descobri-lo, deve ter ficado lá no fundo do arquivo, ou então deixei-o cair no pelo caminho, Enquanto não o encontrar esta mulher estará morta, Estará morta mesmo que o encontre, a não ser que o destrua, disse o conservador. Virou costas sobre estas palavras, daí a pouco ouviu-se o ruído da porta da Conservatória a fechar-se. O Sr. José ficou parado no meio da casa. Não era preciso preencher um novo verbete porque já tinha a copia no processo. Era preciso, sim, rasgar ou queimar o original, onde fora averbada uma data de morte. E ainda lá estava o certificado do óbito. O Sr. José entrou na Conservatória, foi à secretária do chefe, abriu a gaveta onde o esperavam a lanterna e o fio de Ariadine. Atou uma ponta do fio ao tornozelo e avançou para a escuridão. (SARAMAGO, 1997 p. 278 e 279)

José deixou de ser medroso, subalterno e venceu algumas limitações porque escolheu buscar a desconhecida e nessa busca também, sem que tivesse a certeza do

resultado do lançar dos dados, escolheu, a vida, tal qual a própria morte intermitente escolhe a vida nesse outro romance de Saramago. O autor consegue manter ao longo de seus enredos todo o mistério, a *secura* e, ao mesmo tempo, a força dos acontecimentos da vida sem que esses ganhem pesos positivos ou negativos, mas chama a atenção ao valor da singularidade desse viver que revela nos seus personagens a importância de querer alguma coisa do que já acontece.

Dessa maneira o romance *Todos os Nomes* termina com o entrelaçamento do que a limitação dos olhos do poder têm sobre a morte e o que pode (o) ser com a mesma, pois estava perdida a certidão de óbito da mulher desconhecida, e perdida ela estaria sempre morta. Era preciso encontrar o papel e destruí-lo para que ela vivesse sempre, essa percepção do Conservador é parecida com a do pastor que troca os nomes nos túmulos das pessoas mortas naturalmente e por suicídio. Em espelho é o que acontece com o Sr. José, ele estava perdido em seus papéis e no olhar do outro como poder e autoridade sobre ele, foi preciso desmembrar, romper com essas limitações para que pudesse avançar na direção da escuridão e arriscar-se mais uma vez na vida e para a vida da desconhecida.

Viver seriamente as autoridades e determinações do poder é, no fundo, assinar um atestado de óbito de próprio punho, um suicídio, tal qual a mulher desconhecida. É enxergar a morte como a grande inimiga, pois essa é a maior representante do mistério e da dúvida, nenhum senhor pode comandar onde essas duas palavras também existam. Por isso, no início da narrativa, o autor faz menção ao cheiro de flores vindo da limpeza da Conservatória e esse mesmo cheiro está no cemitério. Todos os nomes da conservatória estão em seus próprios velórios; é necessário abrir portas, avançar em escuridões para perceber as sutilezas da morte que revela a vida. Sem essa passagem, tudo é repetição, é isso que o Sr. José e a Morte¹² encontram como prêmio ao fazerem a travessia: o *extra-ordinário*.

4.3 O músico e a eternidade – casa do violoncelista.

¹² Personagem de *As Intermittências da Morte*

Não vive aqui, Viver aqui, o que se chama viver, não vivo, Não entendo nada falar consigo é o mesmo que ter caído num labirinto sem portas, Ora aí está uma boa definição da vida, você não é a vida, Sou muito menos complicada que ela, Alguém escreveu que cada um de nós é por enquanto a vida, Sim, por enquanto, só por enquanto, quem dera que esta confusão ficasse esclarecida depois de amanhã, a carta, a razão porque não ma deu, tudo, estou cansado de mistérios, isso a que chama de mistério é muitas vezes uma protecção, há os que levam armaduras, há os que levam mistérios(...). (SARAMAGO, 2005 p. 198 e 199)

Nesse diálogo entre o violoncelista e a morte, essa fala da vida, de seu instante disfarçada de ser humana, todas as palavras trocadas se tornam dúbias e nas entrelinhas estão discutindo o tempo como imagem da morte. É a morte quem vai determinar o tempo em que se pode estar perdido no labirinto, o violoncelista tem apenas o agora, a morte possui a (i)mortalidade. O instante em que ele vive dura à medida que a morte se permite conhecê-lo e viver, ela tem em suas mãos as duas vidas: essa que momentaneamente experimenta e a do homem que é a sua exceção. Ele não sabe o que diz quando pede para acabar logo com esse mistério, ela sabe exatamente o que guarda essa palavra, pois muitas vezes também é definida assim. Quando lembra que o mistério pode ser proteção sabe que também está sendo protegida à medida que não sabe como não conseguiu entregar a carta ao seu destino até agora. Mais que desejar tardar a morte de seu músico, quer aproveitar o quanto pode a vida, o limitar-se a um instante de cada vez, aos cheiros, aos intervalos dentro de cada música e entre cada uma delas, talvez não quisesse tirar o violoncelista daquilo que, sem saber, ele estava dando-a a chance de experimentar. O mistério que cada um ganhou para si nesse instante é uma certeza de, por enquanto, caminhar com intensidade no labirinto sem porta, sem desejar estar em outro lugar, em outro tempo. Quem usa armaduras para se proteger perde a delicadeza do que acontece, pois não é possível selecionar o que se quer evitar; a proteção armada exclui as possibilidades e, principalmente as mudanças, vive-se apenas o ordinário.

O violoncelista teve apenas um encontro com a morte e apenas esse foi o suficiente para que se apaixonasse por ela. Não conseguia parar de pensar em sua beleza, sabia que havia algo de estranho nela, mas era incapaz de imaginar o que e isso o fascinava ainda mais. Ele procurava a morte, desejava-a, não pôde resistir aos seus encantos, diferente da mulher desconhecida, que também procurou a morte, mas

a procurou para se proteger, para evitar a vida. Esse homem não, ele queria viver e quem lhe mostrou isso foi a morte através da música; a eternidade pode ser representada nessa arte e isso não passar de três minutos, como também pode durar meia hora para de igual forma representar um único instante; a primeira arte tem poderes a que nem mesmo a morte pode resistir. É nesse poder que o autor acredita como elevação e saída para as formas reduzidas de existir. O Sr. José encontrou a sexta arte e nela encontrou abrigo para a solidão; a morte encontrou o violoncelista e nele a perturbação do instante. A arte dá ao humano a possibilidade de brincar de Deus, de torná-lo criador, talvez isso tenha perturbado a morte, pois se percebeu incapaz de inventar ou construir algo.

Cada instante de mistério que a morte sustentava para o violoncelista era uma eternidade aos dois, cada um tinha agora a percepção de um outro em suas vidas, esse outro, além de os retirarem de um certo conforto existencial, ainda os refletia a si mesmos. O violoncelista não podia conter os pensamentos e o controle que gostaria de ter da situação, desejava ter a chance de um novo encontro. A morte não dava conta de desconhecer-se tanto, não podia imaginar-se tão descontrolada. Os dois estavam limitados ao desejo de uma entrega que tardava, que parecia que não ia acontecer. Mas aconteceu, pois a protagonista dessa história encontra na música seu próprio sentido de tempo, seu instante completo e que completa-se a cada novo instante, sua propriedade de mistério, sua força de risco, seu outro singular.

De procurado o violoncelista passou a buscar e nessa medida a paixão aconteceu. O Sr. José e a mulher desconhecida não tiveram essa recíproca, a desconhecida encontrou a morte e só teve vida na busca de José. Mas, ainda assim, é possível dizer que os dois encontros acrescentaram potência aos seus envolvidos, pois o que o mistério sempre irá revelar são as possibilidades.

4.4 Sr. José e a morte - Um casal de Saramago.

Há ainda algumas aproximações pertinentes entre as duas obras, esses dois personagens, que a começar pelas idades, cinqüenta e trina seis, e, as características marcantes em cada obra, têm um trocadilho, pois a desconhecida mulher bem poderia ser a morte e o Sr. José o violoncelista e esses se encontram nas construções de Saramago e neste trabalho. A vida e a morte caminham lado a lado no ser, uma não é a outra, mas cada uma *está* com a outra.

Alguns encontros e contrastes ainda são interessantes de se perceber, no tocante ao poder, por também ser possível comparar o Sr. José e a morte dentro da sociedade em que existem. Pois, fazem parte de uma hierarquia e se subjugam em seus papéis burocráticos, mas também reconhecem o poder daquilo que executam e sentem-se excessivamente poderosos, caracterizando uma ilusão de poder como se carregassem a lógica da sociedade, como se no íntimo não fossem subordinados, mas soberanos de um certo controle.

A redação da credencial, o estilo, o vocabulário empregado, aduziria por sua vez um psicólogo em reforço do parecer do caro colega, mostram à sociedade que o seu autor é pessoa extremante autoritária, dotada de carácter duro (...), como mesmo uma criança poderia facilmente concluir da leitura do texto, que assim reza, Em nome dos poderes que me foram conferidos e que debaixo de juramento, mantenho, aplico e defendo, faço saber (..), serem nele reconhecidos (...) os poderes absolutos que, (...). Assim o têm exigido as conveniências do serviço conservatorial e o decidi a minha vontade Témula de susto (...), a tal criança correu a proteger-se no regaço da mãe, perguntando-lhe como foi possível que um auxiliar de escrita como este Sr. José, tão pacífico de seu natural, tão cordato de costumes, tenha sido capaz de conceber (...), sem dispor de um modelo anterior por onde guiar-se (...), a expressão de um poder a tal ponto despótico (...). (SARAMAGO 1997, P. 57).

Uma pessoa, ou a morte, para o caso tanto faz, vai cumprindo escrupulosamente o seu trabalho, um dia atrás de outro dia, sem problemas, sem dúvidas, pondo toda a sua atenção em seguir as pautas superiormente estabelecidas, e se, ao cabo de um tempo, ninguém lhe aparecer a meter o nariz na maneira como desempenha as suas obrigações, é certo e sabido que essa pessoa, e assim sucedeu também à morte, acabará por comportar-se, sem que de tal se aperceba, como se fosse rainha e senhora do que faz, e não só isso, mas também de quando e de como deve fazer. Esta é a única explicação razoável de porquê À morte não lhe pareceu necessário pedir autorização à hierarquia quando tomou e pôs em execução as transcendentais decisões(...). (SARAMAGO 2005, p. 162).

Ainda pensando em poder, ambos em seus trabalhos maçantes, Sr. José e a morte fazem uma conjugação entre poder e finitude. Os verbetes arquivados na Conservatória estão lá para marcar a vida pragmática das pessoas e é com a mesma

burocracia e pragmatismo que a morte inventa uma carta para marcar o fim de cada nome arquivado. Saramago trata a sociedade e as condições de existência na mesma como algo dado, um grande arquivo, cuja diferença é apenas se se trata do funcionário vivo ou da funcionária morte.

Em *Intermitências*, como já foi citado aqui, a sociedade busca uma imagem da pessoa da morte através dos arquivos civis, como se quisessem encontrá-la para dar sentido novamente aquelas vidas, por hora, eternas. Essa é uma busca parecida com a que o Sr. José toma para si, ao desejar um encontro com a desconhecida, pois é a imagem e a presença da desconhecida que o consome, num primeiro momento.

Sem saber, o Sr. José vai ao encontro da morte, de uma morte que chega até ele através da desconhecida e é somente nesse encontro que ele a percebe em si. Já a morte está na vida do violoncelista, por isso não pode matá-lo, pois ele já a possui em si e, cada vez mais, é dele a morte, como ele é dela. Por isso, quando todo o país está preocupado com a carta da morte que irá chegar, a qualquer momento, pois creem numa morte que vem, ele não, suas preocupações são com suas próprias possibilidades.

5 CONCLUSÃO

Iniciou-se esse estudo analisando a estranha relação que há entre esses dois romances do autor José Saramago, *Todos os Nomes* e *As intermitências da Morte*; encontramos, sobretudo, a morte como fio condutor na busca por essa intercessão. Para desenvolver o trabalho, utilizamos como estratégia uma relação especular entre as obras, na qual fosse possível perceber as semelhanças nas estruturas dos textos e as sutis diferenças nas escolhas feitas pelos personagens.

Estruturalmente os dois textos estão divididos em duas partes: um primeiro momento, em que se apresenta a vida submetida aos controles e poderes de uma sociedade, sem que a princípio seja possível vislumbrar uma saída, como se não houvesse espaço para uma relação de si para consigo; em um segundo momento, apresenta-se o acaso viabilizando aos personagens o poder de fazer escolhas próprias que os levam a uma reflexão existencial e a momentos que os singularizam por serem deles e cada vez mais deles toda a escolha.

Sr. José e a morte são “vidas” que se assemelham na solidão e no rigor com a forma que executam os seus trabalhos. Mas, certamente, em termos de poder e alcance, são perceptíveis as diferenças, pois a morte tem, inquietantemente, mais possibilidades que o Sr. José. Este homem, mesmo vivo, agia como se estivesse morto, suas realizações são simples, apesar de ser notória a ruptura a cada passo dado, ainda fica um desejo de que ele faça algo mais, que vá além.

A personagem morte, por sua vez, desde o princípio de suas ações, está decidida a experimentar algo novo. Essa quer investir em outras formas de se relacionar. O acaso, então, possibilita-lhe um encontro com o desconhecido e ela consegue ir além. Tanto a morte como o Sr. José, quando decidem ir ao encontro daquilo que os inquieta, não tinham como saber se os alcançariam, mas, na caminhada, iam se permitindo *ser*.

O acaso não garante nenhuma chegada, os resultados nem sempre são os esperados a partir do quanto se investiu, mas, talvez, a morte tenha alcançado a possibilidade de encontrar a si e ao outro porque se permitia e enfrentava mais. O Sr.

José insistia em manter uma certa tardança em alcançar a desconhecida, escolhia caminhos mais difíceis, ainda estava preso, precisava romper com algumas limitações dentro de si para conseguir alcançar o outro. Para ele, talvez, o mais importante não fosse o alcance, mas a busca. Ele poderia ter tentado estar mais próximo da Sr^a-do-rés-do-chão, mas o seu desejo de continuar a investigar a desconhecida era maior.

Inegavelmente os dois romances trazem o questionamento sobre o *ser* e as suas possibilidades que estão diretamente ligadas ao acaso e a uma outra maneira de se pensar o tempo, pois este, assim como aqueles, não está incompleto, mas se completa a cada instante. Por isso, o *ser-para-morte* é o que foi ressaltado aqui; haverá sempre uma busca pela possibilidade mais própria do *ser*, esta, paradoxalmente, pode vir ao encontro, mas já lhe pertence de direito.

Ao afirmar e analisar essa relação especular entre as duas obras o que se percebe é um confronto que está para além da dicotomia vivo x morto, pois há um questionamento do que é reflexo ou imagem real nessas duas formas de se classificar o ser. O Sr. José sempre pareceu estar morto até descobrir na morte da desconhecida a sua própria vida. A morte sempre foi ela mesma, mas resolve ensinar aos vivos o que é vida e nessa experiência descobre-se humana e na vida do violoncelista a sua própria vida. O estar vivo ou morto ultrapassa uma questão biológica e torna-se uma escolha existencial.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. Antônio M. Magalhães. Porto: Rés, [s.d.].

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 21. ed. São Paulo: Graal, 2005.

_____. *Vigiar e Punir, nascimento da prisão*. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREUD, Sigmund. “O estranho”. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2007.

HOUAISS. *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa 1.0*. Copyright Ed. Objetiva Ltda.

HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PLATÃO. *O banquete do amor*. Trad. introd. e notas de J. Cavalcante de Souza. 3.ed. Rio de Janeiro: Difel, 2005.

SARAMAGO, José. *Todos os Nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *As Intermittências da Morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada, Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. 13. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 1997.

SIBILIA, Paula. *O Homem Pós-Orgânico, Corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumarã, 2003.

Bíblia Sagrada. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.